

Sala 5
Gab. 1
Est. 56
Tab. 8
N.º 6

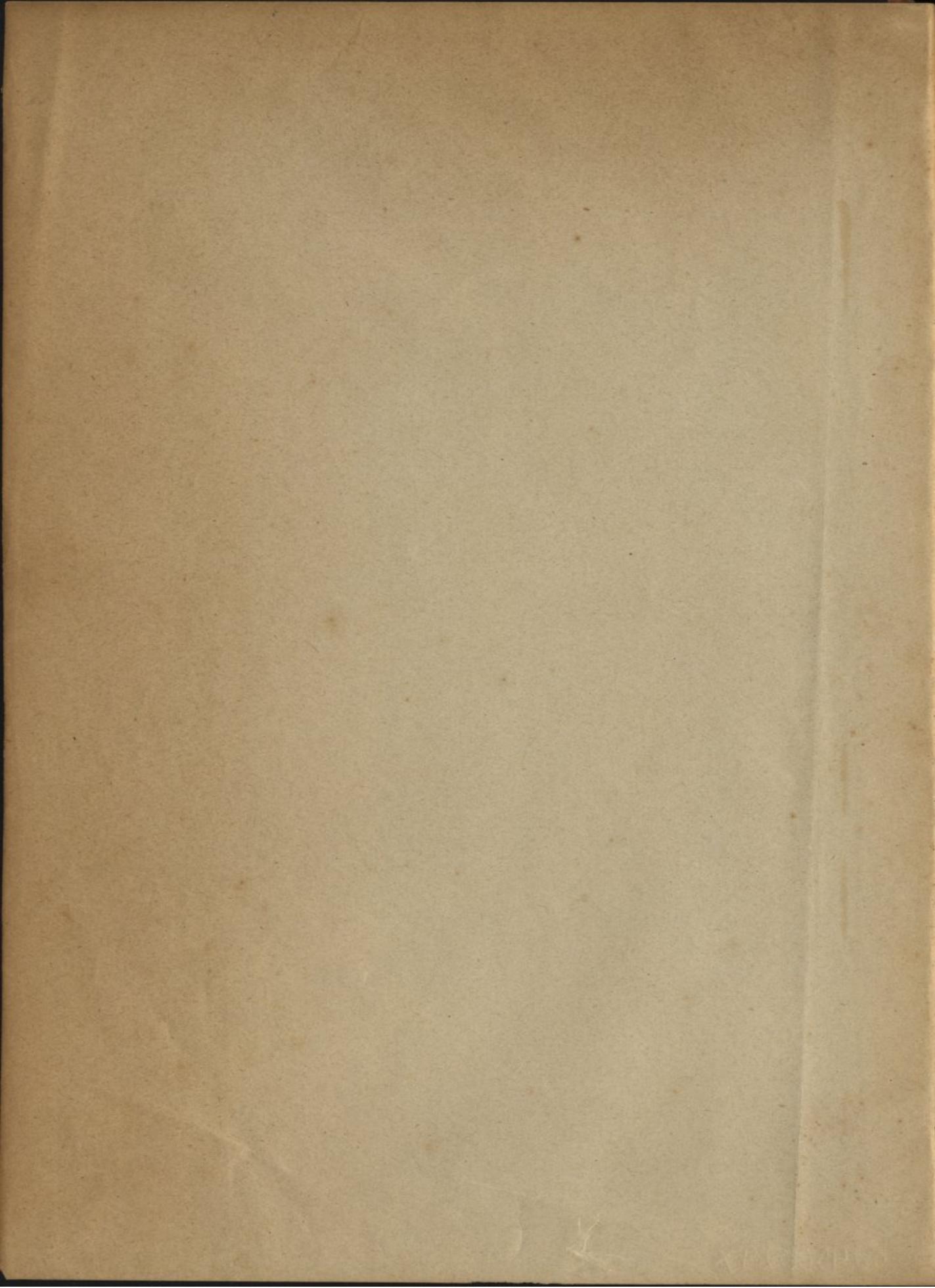


UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Biblioteca Geral



1301500575

62450029X



716

A Peste

Outras publicações de Angelo Fonseca:

Contribuição para o estudo do Gonococco

Comunicação apresentada ao Congresso Nacional de Medicina.
Lisboa, maio de 1898.

As inoculações cerebraes no tratamento do Tetano e o Tetano cerebral

Memoria apresentada á Societé de Biologie de Paris, 1898.

O Gonococco—Inoculabilidade, fôrmas e reacções córantes

Memoria apresentada á Societé de Biologie de Paris, 1898.

A confirmação clinica das minhas experiencias sobre o Tetano

Artigo inserto na *Coimbra Medica*, 1899.

O poder antiseptico do iodoformio

Trabalho premiado pela Faculdade de Medicina de Coimbra, 1899.

Analyse critica da «SÉROTHERAPIA DO TETANO» de Bruno Domingues.

(*Coimbra Medica*, 1900).

Um caso de cancro vesical seguido de morte

Estudo clinico e anatomo-pathologico.

Estudo chimico e anatomo-pathologico d'um kysto do ovario—descoberta d'uma mucina.

(*Movimento Medico*, 1901).

Em collaboração :

Bacillus Testicularis—(estudo d'um novo agente pathogeneo).

Memoria publicada em 1899.

O bacillo da Peste e o aparelho Trillat

Nota d'umas experiencias feitas no Gabinete de Microbiologia da
Universidade de Coimbra, 1899.

Un cas de fièvre infectieuse, simulant la peste pneumonique, produit par un bacille fluorescent nouveau

Comptes Rendus de la Société de Biologie, 1900.

Função chromogenea do bacillo da peste

(*Movimento Medico*, 1901).

Em publicação :

Meningite cerebro-espinal epidemica

(*Movimento Medico*, 1900).



ENSAIOS DE PATHOLOGIA EXOTICA

A

PESTE

POR

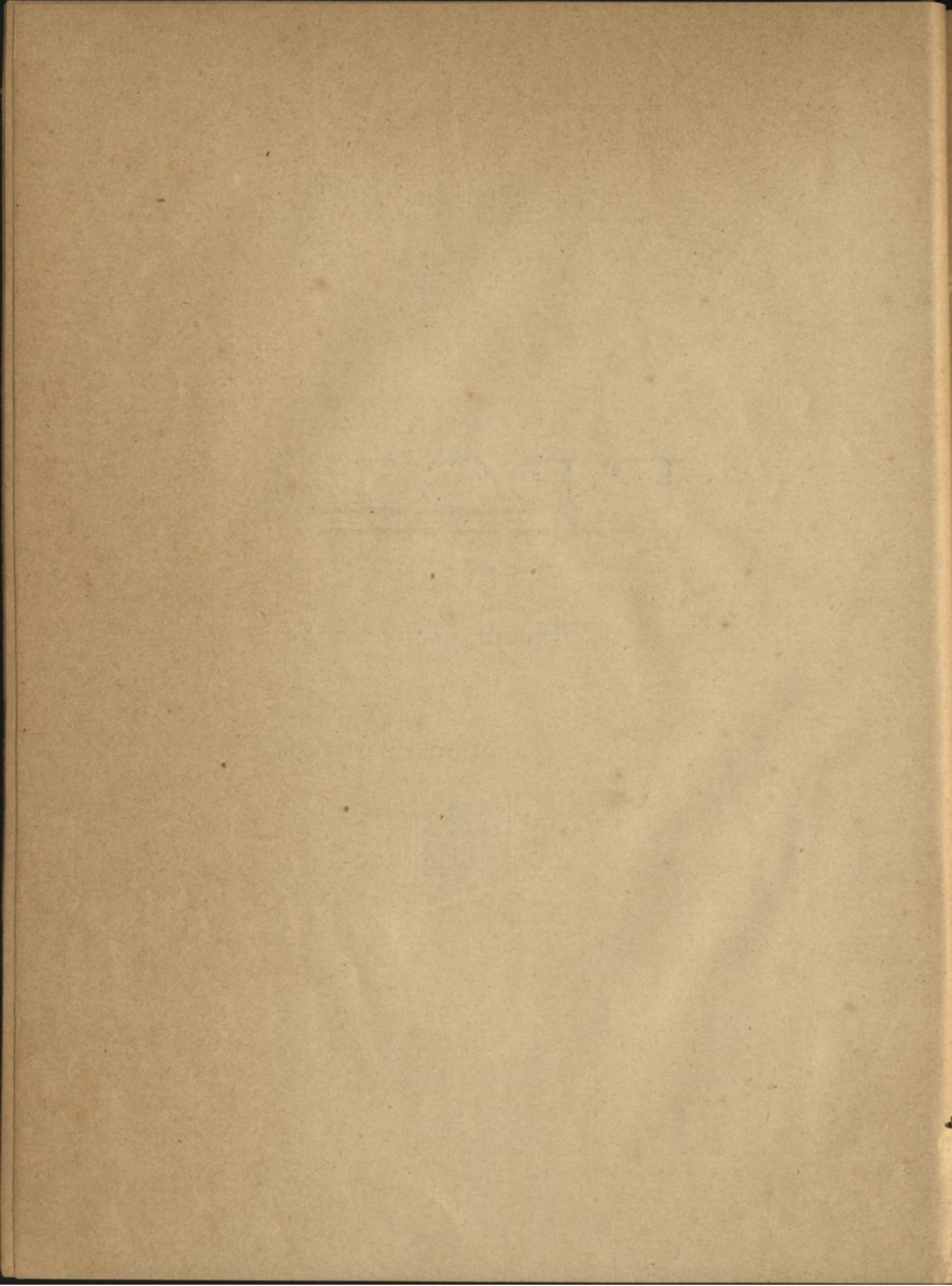
Angelo Fonseca



PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL (A VAPOR)

80 — Rua da Fabrica — 82

1902

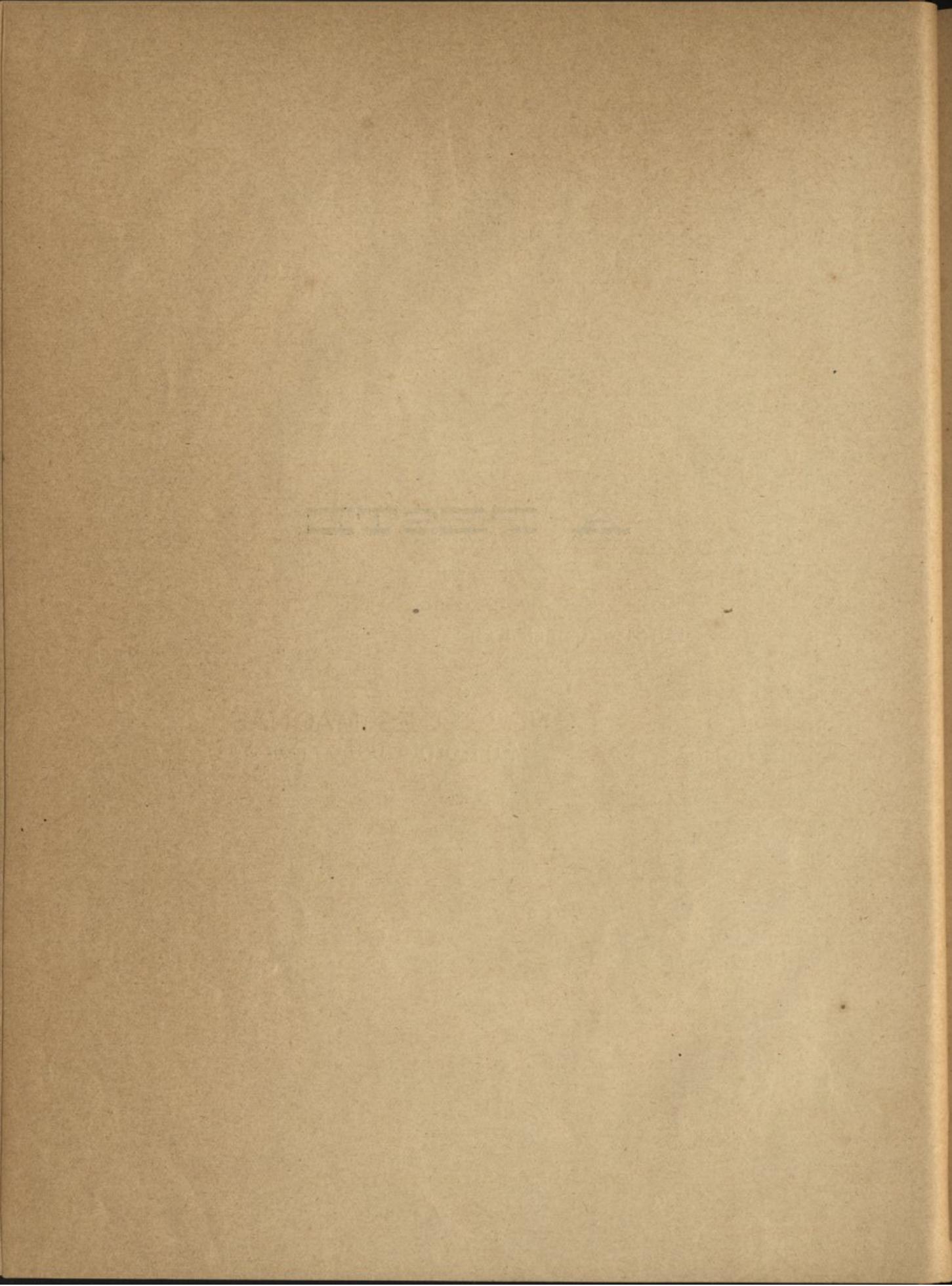


A PESTE

Historia, Etiología

e

Anatomía pathológica

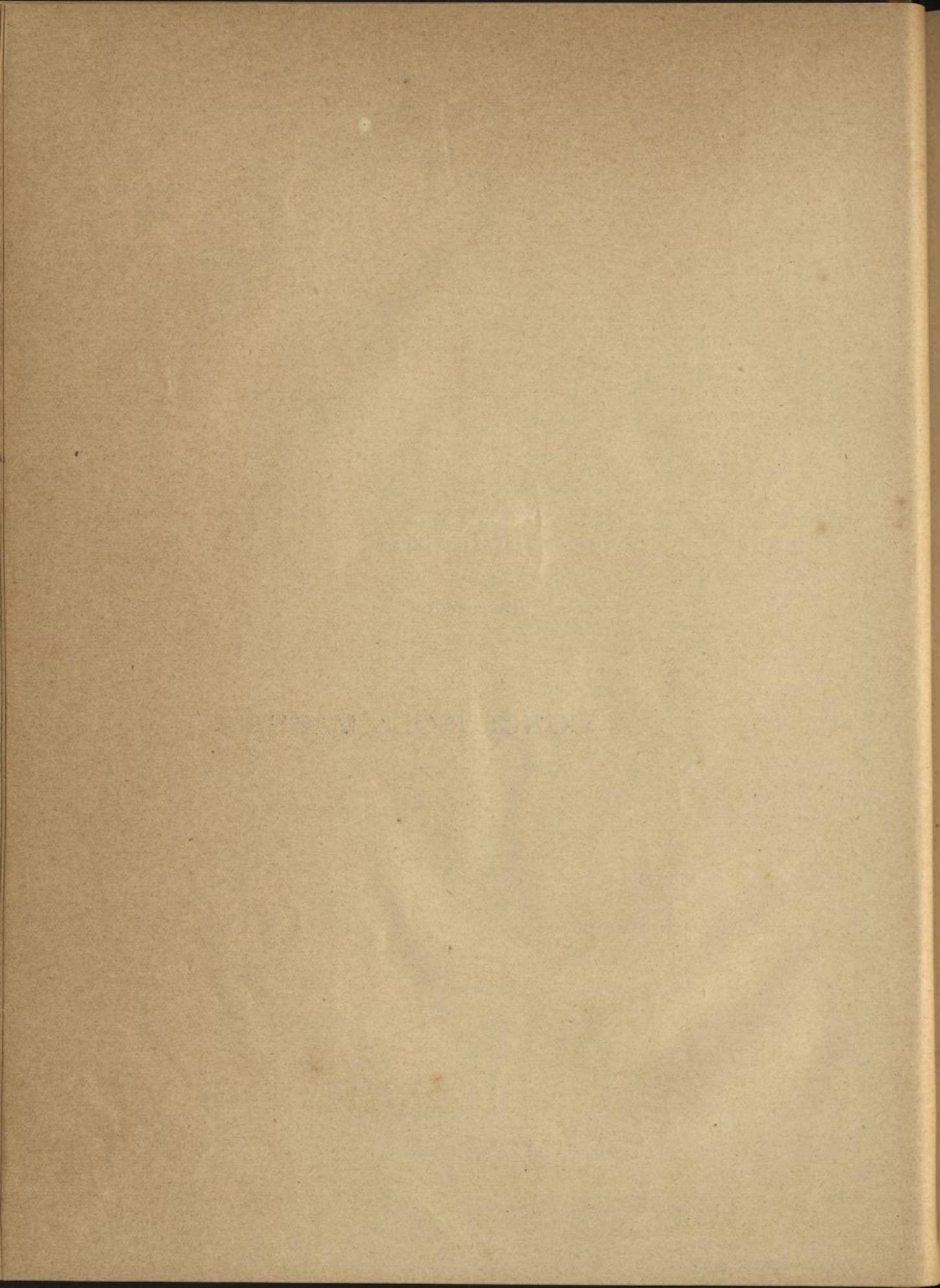


DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA O ACTO

DE

CONCLUSÕES MAGNAS

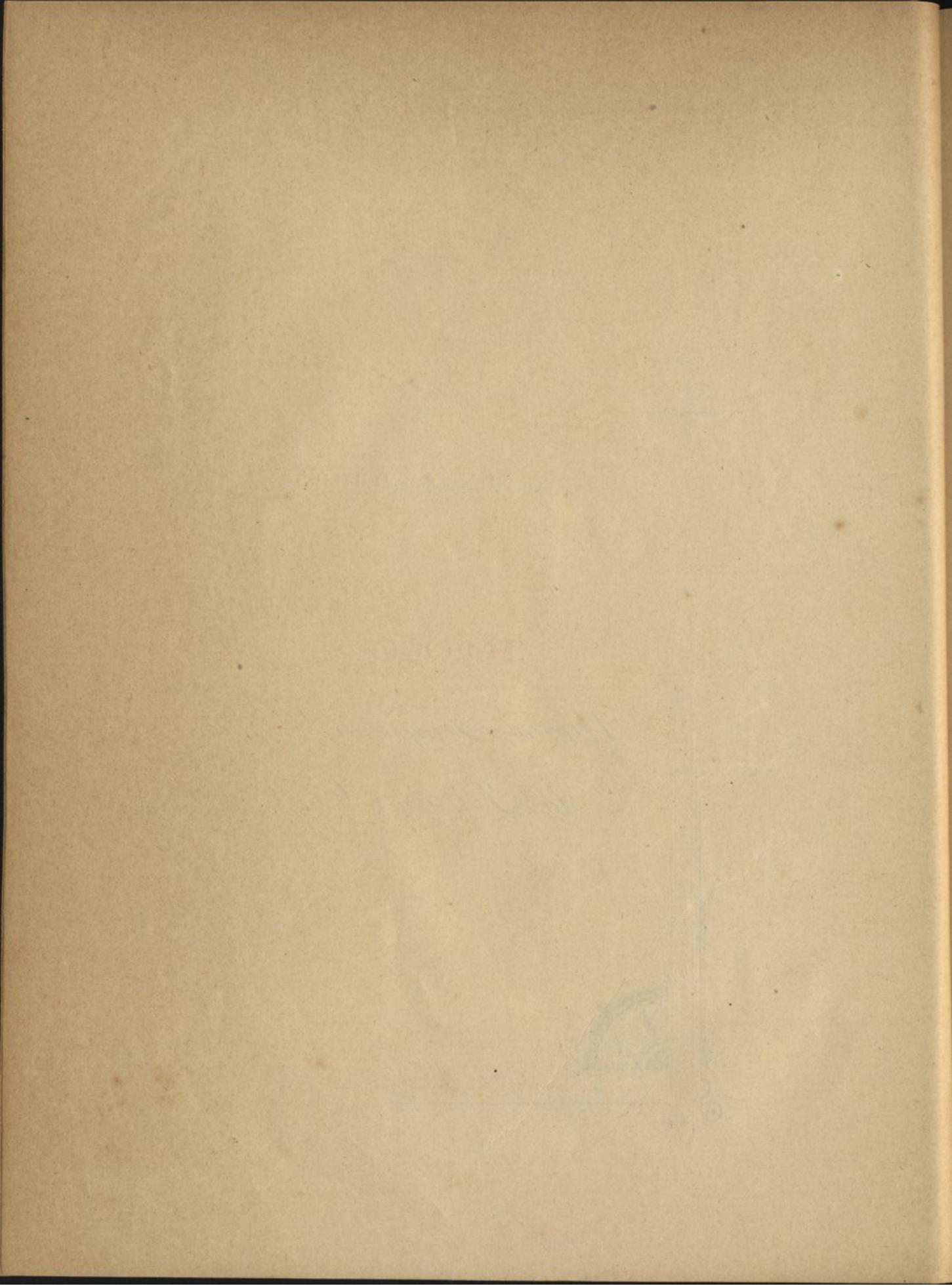




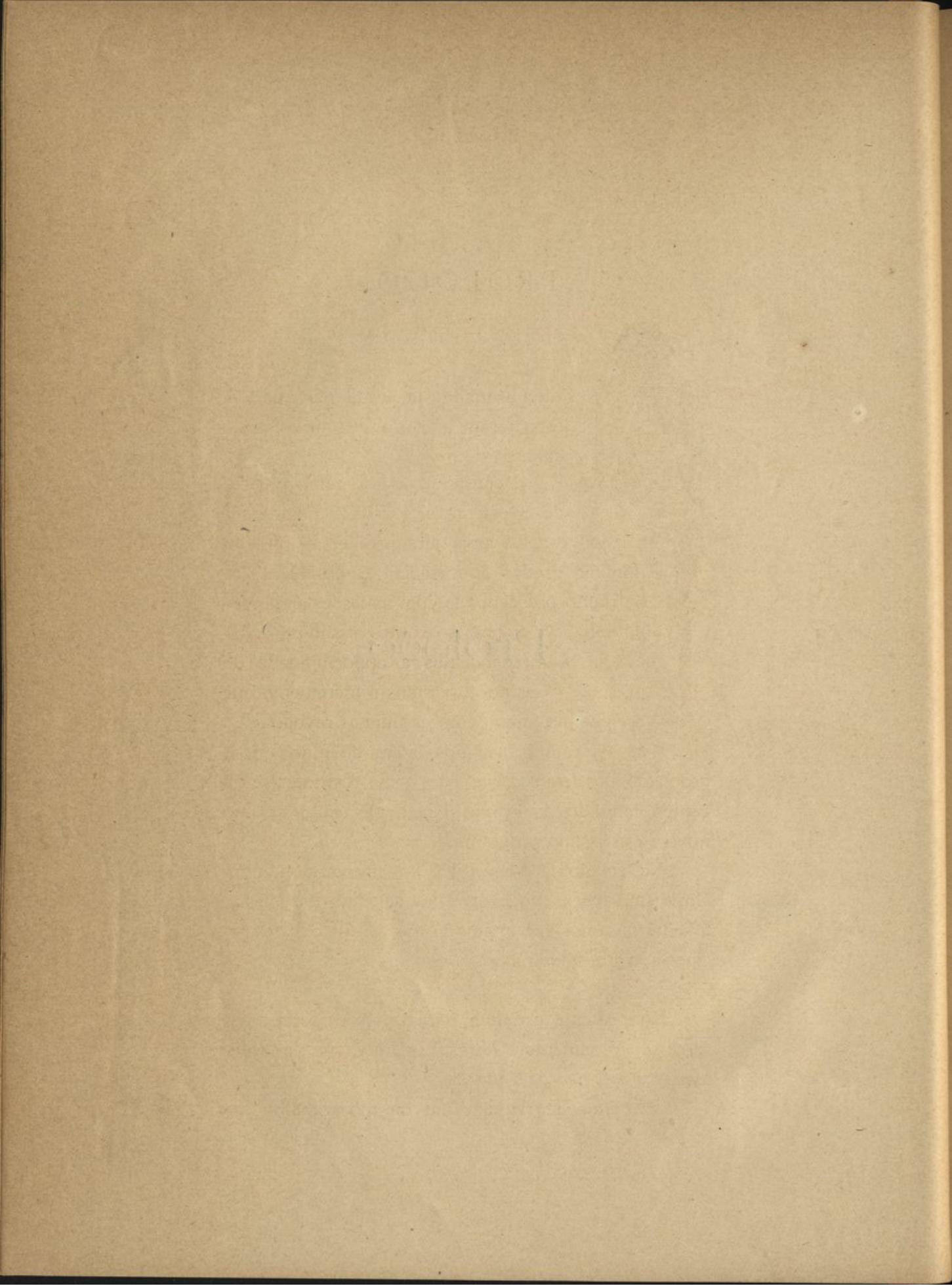
A MINHA MULHER

*Maria Angelina Cardoso
da Fonseca e Castro*

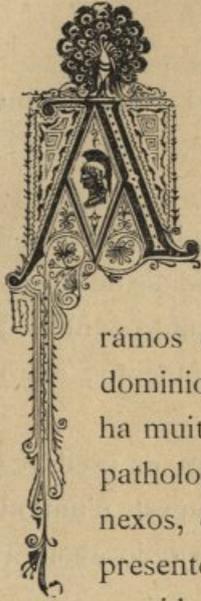




Prologo



PROLOGO



s ultimas manifestações da peste na Europa foram a causa directa e immediata d'este livro.

Depararam-se-nos como objecto de investigações e estudo quando curámos de seleccionar um problema util — no dominio pratico da medicina experimental. De ha muito preocupado com as lesões anatomico-pathologicas do pestoso e outros assumptos connexos, comprehendemos a oportunidade do presente trabalho ao vermos o incremento que a epidemia tomou com as ultimas revoadas.

Estas vieram provar-nos, alem de tudo, que o problema de *defeza geral* não podia restringir-se ao campo limitado da prophylaxia hygienica: d'ahi um novo e vastissimo programma.

Na versão da doença não nos preocupou, o exclusivismo das escholas nem nos deteve o formalismo assente: usamos um methodo mixto que a experiencia e a synthese dominam.

No presente estudo ha tres divisões geraes: visa-se separadamente a *Historia*, a *Etiologia* e a *Anatomia pathologica* da doença.

Tratamos de reunir n'um mesmo trabalho as-

sumptos intimamente ligados : todos elles se continuam e completam.

A primeira parte é menos detalhada e uma das mais extensas : resulta o facto da necessidade de acompanhar a molestia no transcurso accidentado de muitos seculos — subsidiado com poucos documentos e no meio tumultuario das noticias.

Estas, ao passo que nos desvendam as predilecções regionaes, accentuando a estada da peste n'um ou outro lugar, determinam o seu desordenado evolutir atravez das epochas historicas.

Os primeiros lineamentos são geralmente a condensação systematizada do que ha escripto. Compulsando a extensa bibliographia epidemiologica procuramos reconstruir o curso do flagello, desde que se admitte a possibilidade das suas manifestações, e estas apparecem envoltas nas primeiras lendas — até aos infestamentos e rebates que alcançam o periodo contemporaneo.

Muitos auctores incluem na designação generica — Etiologia, todo o conhecimento historico e phenomenalidade intima das epidemias.

Nós seguimos um systema diverso : desdobramos a importantissima materia em dois capitulos que res-

pectivamente se encontram distribuidos em divisões variáveis.

No primeiro esboço — a parte geral — encontra-se a epidemia pormenorizada em seu seguimento, referida com maior ou menor largueza aos pontos e áreas em que se propagou; a segunda subdivisão reservamol-a á *Historia portugueza*.

Detivemo-nos um pouco n'esta parte em attenção ás circumstancias do trabalho que — escripto e elaborado sobre os casos da ultima peste portugueza, e já quando esta havia cessado — veio naturalmente collocar-nos na necessidade de desfiar o assumpto — um pouco incompativel com o tempo, a natureza e primeiro programma d'estudo.

Reconhecemos a muita responsabilidade de tal versão não tanto pelo que diz respeito ás manifestações epidemicas que alcançaram a data de 1680, mas pela noticia que eramos obrigados a inserir sobre o curso bastante anormal da *peste portuense*.

A principio hesitamos: pareceu-nos que aos collegas que acompanharam detidamente a epidemia, vinculando-lhe honrosamente o nome, pelo trabalho incansavel d'uma sequencia de mezes — pertencia a árdua tarefa de fazer a historia do flagello.

Depois, suppozemos melhor que um trabalho não excluia o outro. Ao passo que nós devíamos restringir-nos á coordenação exegetica das noticias e documentos, aos illustres clinicos da epidemia do Porto deviam competir e de facto pertencem as particularidades do momento que nós, um pouco longe dos acontecimentos, não poudemos acompanhar.

Demais impendia-nos o direito de linementar, com o nosso modo de vêr, tudo o que se passou; e esse trabalho não podia desligar-se da noticia que inserimos.

As paginas que reservamos ás primeiras *pestes portuguezas*, são, porventura, as mais despreoccupadas de todo o livro. N'esta parte restringimo-nos á reedição cuidada do que encontramos nos classicos e especialmente no livro de Meirelles que nos poupou largas excursões pelos velhos documentos.

Além d'elle servimos-nos de outros textos, destacando, como mais firmes, as opiniões de Herculano, Rebello da Silva, Frei Luiz de Sousa, Manuel de Monforte, Ambrosio Nunes e Villéla.

*

Na *Etiologia* tratamos o problema da propagação, estabelecendo as differentes vias de contagio e signalando o condicionalismo mais adequado á vida e proleferação do agente morbido.

Mereceu-nos uma divisão especial o estudo do bacillo no Laboratorio. Acompanhamol-o ahi no metabolismo provocado pelos meios artificiaes; vemos como se comporta quando transportado ao meio animal; — estudamos a sua acção, virulencia, vitalidade e fórmas reaccionarias em presença dos meios naturaes.

N'esta parte tivemos o cuidado de coordenar o muito que se havia escripto, juntando-lhe observações proprias e sobrepondo-lhe algumas objecções e modos de vêr nossos.

Muito se tem dito sobre o assumpto: a etiologia da doença tem sido justamente a parte mais versada.

Á bibliographia desde longo tempo accumulada tem-se juntado, especialmente de 1894 para cá, um numero profusamente crescido de monographias; e, entretanto, como póde vêr-se do presente trabalho, ha ainda pontos obscuros a aclarar, e até, poderemos di-

zer, problemas de importancia capital que estão á espera de solução.

Foram estes que principalmente nos animaram. No emtanto, chegando sómente até onde o experimentalismo permittiu que fossemos — limitamo-nos, em certos pontos, a enuncial-os, aventando uma ou outra hypothese que nos pareceu possível: as tergiversações que não raro apparecem representam sempre uma suspeita fundamentada em experiencias proprias, ás vezes são uma illação das contradicções extranhas.

Não nos coadunamos, com os exaggeros da eschola franceza: admittimos a pluralidade dos fócios; pronunciamo-nos pela multiplicidade dos vehiculos transmissores — ampliamos a propagação da peste ao condicionalismo cosmico, tellurico, natural e social das áreas inquinadas.

D'aqui resulta um modo de vêr proprio na orientação do mal exótico. Para nós o seu complexo problemismo não se restringe á determinação unica do agente.

Não ha duvida de que á descoberta de 1894 foi um passo decisivo; mas não bastou, nem podemos parar ahi.

A bacteriologia é uma sciencia unicamente de causas; precisa completar-se; e esse complemento con-

siste, de facto, no estudo anatomo-pathologico da lesão.

*

Foi este o trabalho que nos permittimos e impozemos sobre as peças anatomicas dos casos que succederam no Porto, obsequiosamente cedidas por um distincto collega d'esta cidade (1).

Pareceu-nos que dirigindo n'este sentido algumas pesquisas contribuiriamos para aclarar um problema capital—que o enthusiasmo pasteuriano tem desviado um pouco, com notavel prejuizo da propria pathogenia da praga.

Com effeito: se a phenomenalidade morbida representa uma interrupção ou desvio n'um orgão, se o disequilibrio physiologico da funcção se explica pelas alterações histo-pathologicas do systema — se a morbidez não é mais do que o effeito d'uma elaboração dos germens, ás vezes a manifestação simples d'uma insufficiencia e tudo isso vae exhibir-se e determinar-se

(1) Referimo-nos ao Snr. Sousa Junior a quem pedimos licença para apresentar o testemunho do nosso reconhecimento.

na lesão—é fundamental o seu estudo no dominio amplo da Histologia pathologica: ahi deve naturalmente esclarecer-se o processo latente da vida perturbada.

Sem o conhecimento da Anatomia histologica a Pathologia seria um archivo de symptomas, despostos sem ordem e sem methodo.

Pela simplificação de Virchow tudo se localizou no elemento-cellula:—obtemos um numero infinito de individualidades morbidas, cujo estudo vem photographar-nos, em ultima analyse, as alterações que se passaram n'uma lesão extensa—perturbações physico-chimicas, de ordem protoplasmica ou nuclear.

Estas é que poderão gerar alterações morphologicas consoante o seu estado, que, uma vez conhecido, deve dar um padrão.

Quando elle estiver determinado, isto é, logo que tínhamos definido chimicamente a cellula, teremos extremado a biologia normal da resultante pathologica e entraremos, então, no vasto e amplissimo campo do problemismo morbido.

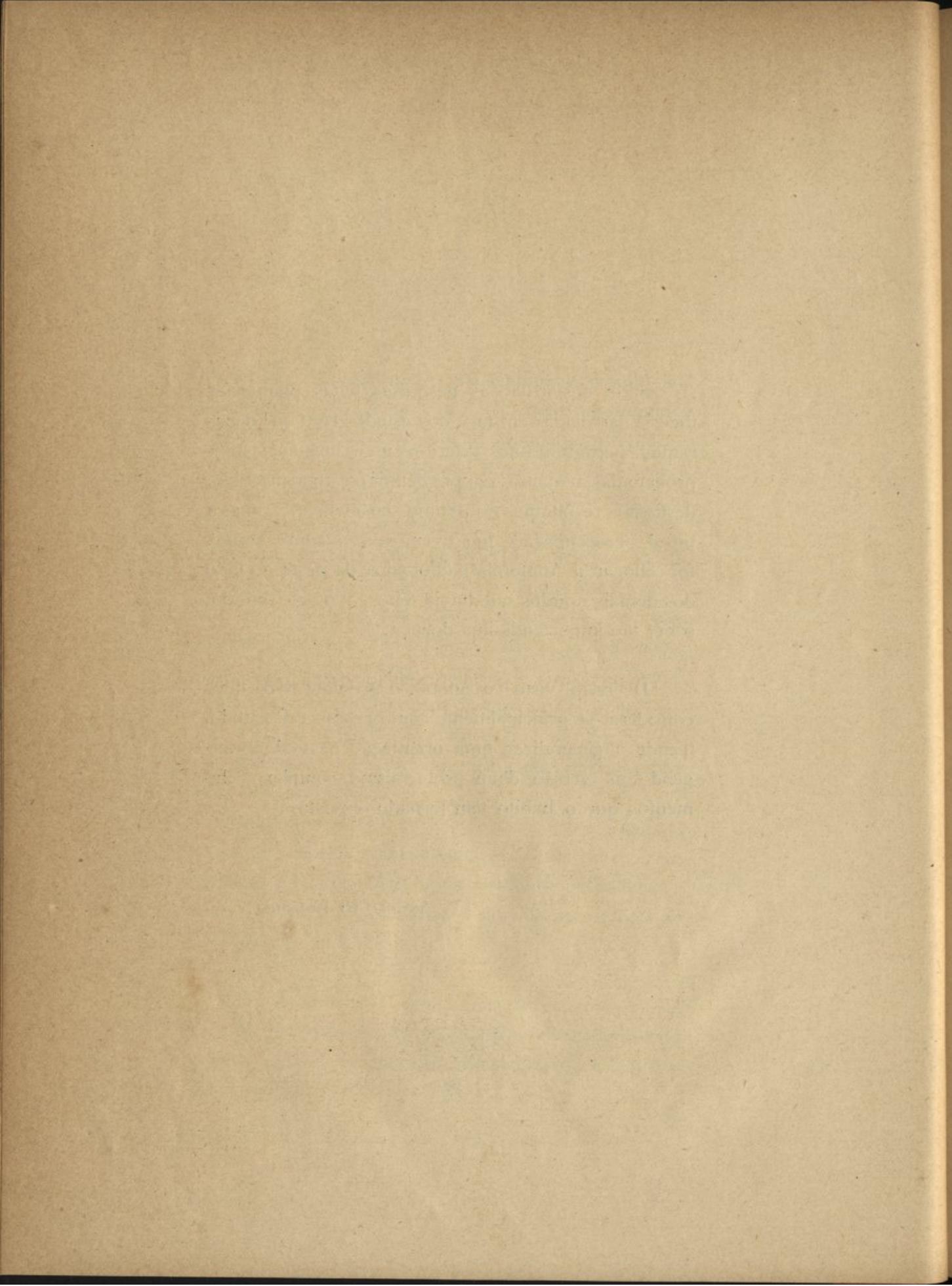
Presentemente a ultima parte do nosso trabalho, incontestavelmente a mais cuidada e reflectida de todo o livro, é a simples apreciação macroscopica e histopathologica da lesão.

Seria desvirtuar as pesquisas feitas phantasiar theorias arrojadas em face dos estados com que deparamos: permittimo-nos referil-os a circumstancias approximadas, tentamos sempre definir o campo morbido, desfiamos resultantes e inferimos ensinamentos; mas a unica preocupação que tivemos, se alguma houve, foi collocar a Anatomia pathologica da peste ao lado dos demais estudos que havia feitos, n'outro sentido, sobre tão importantissima doença.

De resto, visto em globo, o presente livro deve considerar-se principalmente como *processo* de estudo. Tende a generalizar uma orientação pessoal, abrangendo na versão d'um problemismo complexo, elementos que o habito tem tornado oppostos

ANGELO DA FONSECA.



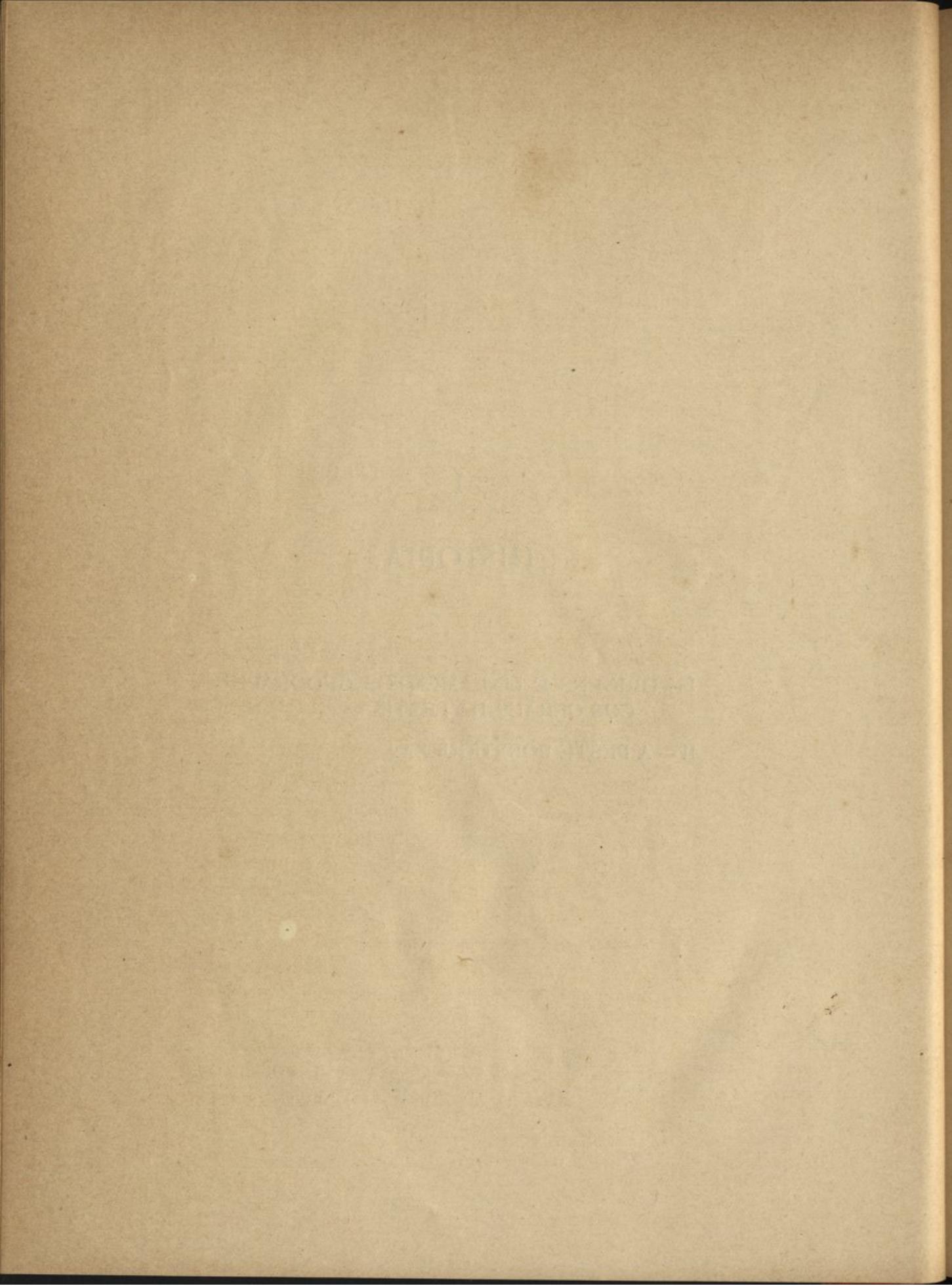


I

HISTORIA

I— ORIGENS E LINEAMENTOS GEOGRAPHI-
COS GERAES DA PESTE.

II— A PESTE PORTUGUEZA.



ORIGENS E LINEAMENTOS GEOGRAPHICOS
GERAES DA PESTE



ESTUDO consciencioso d'uma molestia não póde satisfazer-se com a devassa unica d'uma condicionalidade singularmente restricta.

É preciso attender ás particularidades que a rodeiam, penetrar as causas a que se prende, restabelecer o processo passado porque se affirmou n'esta ou n'aquella epocha — fazer emfim historia. A esta pertence de facto a pormenorização das molestias no tempo, — a delimitação geographica da área no espaço, — a relação cosmica dos elementos que se tornaram meio — com os agentes morbidos que se lhe adaptaram.

Esquecer o papel transitorio d'uma molestia, descurar os ensinamentos prophylaticos e curativos d'uma epocha, menosprezar o numerario e distribuição geo-

graphica d'uma epidemia — proscrever finalmente os meios naturaes d'um flagello — é o mesmo que reduzir ao limite acanhado d'uma proporção indevida o que por tudo é digno da maior e mais erudita versatilidade.

Cessou de ha muito na sciencia o exclusivismo orientador das primeiras descobertas da medicina. Hoje os investigadores prevalecem-se do maior numero de dados; visam em suas applicações os mais amplos horisontes.

No espaço como no tempo devem considerar-se as molestias, porque a curva do seu caminho é a lucida explicação do seu passado; e, pelo recurso natural á constituição peculiar das individualidades territoriaes — se affirma o preciso grau da indemnidade que lhes corresponde.

Da distribuição geographica d'um povo ao successo historico d'uma epocha vae a distancia que o meio relaciona. E é este que importa conhecer na relatividade criada; sobre elle deve cahir especialmente a historiographia medica — sobreexcitada pelo tradicionalismo e deducções scientificas.

Estas no caso particular que nos interessam — origens e lineamentos geographicos da peste — são hesitantes e confusas. Os escriptos são raros; as epochas a que remontam afastadas; a velha terminologia acanhada ou inexacta; e, como se isto não bastasse a uma confusão excessiva, criaram os historiadores dissidencias e tergiversações pessoaes no processo interpretativo dos textos deficientissimos.

Por estes começaremos.

*

A mais afastada e antiga noticia de peste de que ha referencias no mundo passado remonta ao tempo de Moysés (1).

Elle mesmo a relata e esbóça na sua Obra, impregnada do sobrenaturalismo que lhe orientou a epocha; e d'ahi a vemos seguir no percurso dos seculos que nos distanciam — amparada pela tradição biblica das cinco pragas e escudada na possibilidade de que já em tão remota idade o flagello poderia ter logar.

Entretanto, se ao velho Egypto se deve a perduravel noticia d'esta lenda, coisa alguma nos resta para a elucidação da remota epidemia. Da descripção de Moysés á symptomatologia pestosa vae uma grande distancia — que a meticulosidade do historiador não poude prevenir e hoje é invencivel.

Refere o texto sagrado que quando no Egypto imperava o tyranno Ramsés — naturaes e estrangeiros se travaram de grandes dissidencias pelo que houve accesas refregas. D'estas sahiu vencedor Pharaó; e sabe-se que os Israelitas expulsos e famintos tiveram de retirar a um deserto da Arabia. Então — diz a lenda — o Senhor interveio; mandou Moysés ao Egypto (2) e garantiu a auctoridade do propheta com a

(1) Este legislador nasceu no Egypto 1725 annos ant. de Chr. no reinado de Pharaó Ramsés. É a mais característica individualidade d'este periodo na *Historia sagrada* dos Hebreus. Legislador, sacerdote e historiador — deixou a signalar-lhe a ultima qualidade o mais antigo dos documentos conhecidos — o Genesis.

(2) Reportamo-nos á retirada israelita que teve logar sob a ordem de Moysés depois da inspiração que recebeu no monte Sinai (deserto Arabico).

*

ameaça das *pragas*. Estas surgem finalmente; e, d'entre ellas, sobrevem ameaçadora a primeira «pestilencia» de que ha testemunho escripto. (Éxodo — cap. ix, vers. 9 e 10).

Geralmente contesta-se a identificação epidemiologica d'esta peste. Muitos approximam-na do mal thucydidico; alguns enquadram-na nas doenças exanthematicas; quasi todos lhe excluem a natureza que a velha terminologia indica.

Sem descermos ás minuciosidades a que a controversia poderia dar logar, inclinamo-nos a duvidar tambem que o flagello egypcio tivesse sido a peste. Se o fosse não se omitiria no Éxodo a referencia da divisa pathognomonica — o bubão.

O termo «pestilencia» intercalado no texto, é uma palavra de significação genericamente lata — que na antiguidade foi commummente usada como rotulo indicativo de todas as molestias epidemicas.

*

A segunda referencia geralmente aproveitada na urdidura historica d'este regresso epidemiologico, é a *peste de Athenas* tambem chamada de Thucydides.

Á penna d'este eloquente historiador devemos a sua noticia e detalhes evolutivos.

Começando no anno 430 antes de Christo, sabe-se que acompanhou a guerra do Peloponneso, devastando quasi toda a Grecia e constringendo os povos belligerantes á paz de Nicias — prematuramente estabelecida por força do contagio.

Trazida da Etiopia por Pericles, chefe das forças athenienses na guerra peloponnesica — penetrou com intensidade os arraiaes dos combatentes — depois de ter percorrido, em curto espaço de tempo, quasi todo o Egypto, a Lybia e a Persia.

Apesar de notavelmente se ter accentuado o cyclo da relativa acção — no tempo em que perdurou — tambem não é facil devassar-lhe hoje o character e natureza. Thucydides n'um colorido vivo, penetrante e eloquente satisfez-se em traçar-lhe a linha geographica, desenvolvendo-lhe summariamente os effeitos. Mas nem uma palavra que auctorize o diagnostico de peste; uma referencia que nos reporte á precisa caracterização da molestia.

Os modernos pautam-lhe geralmente um extenso quadro. Mas tem-se isso dado ao sabor d'interpretações pouco firmes que, oscillantes entre a variola e o typho, podem unicamente deixar-nos a impressão de uma epidemia supposta.

Demais que n'esta corrente cala a probabilidade de que, se se tratasse — de facto — da peste bubonica, o narrador não teria deixado de descrever decerto os symptomas, que a deviam no tempo ter caracterizado como tal.

Ora estes não apparecem.

*

E, como quer que fosse, na evolução tentada, só as ultimas investigações identificaram a peste; só em face d'ellas definitivamente triumphou a doutrina dos que a imaginaram no mais afastado tempo.

O intuito confessado de Hirsch (1) e Daremberg (2) não teria a confirmação plena da historia, se as *Memorias* de Cardeal Maï — talhadas sobre o texto de Rufus de Epheso — não abrissem em capitulo especial a affirmação d'uma tal existencia.

Mas não se trata agora d'uma referencia leve, genericamente consignada. O texto do medico de Justiniano diz sem tergiversações e ambiguidades que na Lybia, Egypto e Syria appareceram os bubões caracteristicos d'uma molestia que não podia deixar de considerar-se a peste; que quasi sempre elles eram originadores dos mais horrorosos padecimentos que só tinham termo pela morte do doente; que esta epidemia a viu referida por Deniz — o — Torto; e que dois medicos, Dioscoride e Posidonius, deram d'ella noticia detalhada n'um tratado que subscreveram.

No livro de Oribase já são expressos todos os symptomas:— a febre, as perturbações geraes, as dôres, o delirio, os tumores espaçosos e duros á palpação, isto é, todo o complexo de signaes symptomaticos por que aquella se conhece e caracteriza.

Em face d'isto conclue Daremberg com precisão: «On le voit, il n'y a plus d'objections possibles: si les traces de sa première origine, de sa première apparition sont perdues, la peste n'en est pas moins une maladie ancienne et très anciennement connue. Son développement en Egypte ne saurait donc tenir à des circonstances toutes modernes» (3).

(1) Hirsch, Handbuch der historich-geographischen Pathologie. Erlangen, 1860.

(2) Note sur l'antiquité et l'endémicité de la peste en Orient, et particulièrement en Égypte.

(3) Daremberg— *Loc. cit.*

E, assim é que na verdade as objecções terminam e a antiguidade da peste se resolve n'um facto sem contestação.

É porém certo que uma duvida tem prevalecido: a data do apparecimento; este não se exprime na obra.

Entretanto, ainda tal deficiencia Daremberg pretendeu supprir e pelo menos chegou a attenuar — fixando no seu trabalho o tempo em que approximadamente viveu Deniz — o — Torto.

Este medico, considerado como o mais antigo dos auctores relacionados á molestia de que tratamos, viveu, segundo o celebre investigador, pelo seculo III antes de Christo (1).

Naturalmente por este tempo teve logar o flagello. Ora, este facto uma vez assente expressa a inutilidade da discussão levantada por Pariset em 1846, quando pretendeu fazer crêr com a sua palavra, aliás tão apaixonada como eloquente, que a peste no Egypto antigo era incompativel com o embalsamamento ahi usado.

Nada accrescentaremos á questão. Á refutação das ideias do neo-etilogista Pariset basta a transcripção dos textos de Oribase.

*

E, para terminar o estudo das epidemias que precederam a data christã e se affirmaram em tão remotas eras, pouco nos resta. A simples referencia de algumas molestias, em parte desconhecidas e ás vezes

(1) Daremberg — *Obr. cit.*

mal estudadas—é tudo o que póde accrescentar-se aos delineamentos expressos.

No numero d'aquellas está a que denominamos *peste de Flavio Josepho*, que intencionalmente reservamos a ultimo lugar, no intuito de maiores detalhes, visto que a extensa bibliographia que consultamos nos não dá a respeito d'ella o menor indicio.

Este silencio, que não póde ser levado em conta do pouco valor da noticia, attribuimo-lo ao despercebimento dos investigadores que tentaram o assumpto; e que d'elle fariam menção se tivessem encontrado o texto a que se reporta.

A epidemia é na verdade signalavel.

Principalmente merece cuidado especial porque não é como a de Moysés uma molestia assente em referencias lendarias, mas pelo contrario parte d'um auctorizadissimo historiador,—porventura o que primeiro merece este nome: Flavio Josepho.

O documento que a instrue é a *Historia dos Judeus* ou antes das *Antiguidades Judaicas*—no dizer particular do auctor.

De tão antiquissima obra recortamos o texto que segue e consta do livro decimõ. Por elle se vê que no tempo em que Ezechias presidia aos destinos de Judá, houve depois da invasão do assyrio Sennacherib uma formidavel epidemia; que esta está designada na *Historia dos Judeus* sob o nome de *peste*; e que a sua referencia se destaca logo summariada na epigraphia que lhe rotúla o capitulo segundo tal como segue:

Depois mandou Deos huma peste com que matou cento e oitenta e cinco milhões do Exercito de Sennacherib, que sitiava

Jerusalém. O que o obrigou a levantar o sitio, e tornar para o seu Estado, onde dois dos seus filhos o assassinaram. (Cap. II).

E em texto :

«Sennacherib achou quando voltou do Egypto, «que o seu Exercito estava deminuto de 185.000:000 «de homens por causa da *peste* com que Deos o castigou na primeira noite em que elle começou a atacar «Jerusalém debaixo da conducta de Rapsaces, e ficou «tão penetrado, e afflicto com o receio de perder o «resto, que depressa se retirou para Ninive, capital «dos seus Estados, onde passados alguns tempos «Adramelec, e Selenar seus filhos o assassináram no «templo de Arac, seu Deos, de que o povo se horrorizou tanto, que os expulsou. Fugiraõ para a Armenia: «e a Assaracod, seu filho mais moço lhe succedeo».

(Hist. dos Jud. escrit. por Flavio Josepho. Trad. do orig. greg. por Arnault D'Andidly e vert. a port. por Coelho e Soiza. Lisb. 1793).

Esta passagem é a linementação fiel do que Beroso escreveu na *Historia dos Caldeus*. Trata-se sequentemente d'um escripto auctorizado.

É certo que nenhum dos documentos precisa datas nem o tempo archivou diagnosticos, mas se os historiadores aproveitaram a noticia o flagello devia dar-se.

Demais a primeira omissão póde supprir-se, pautando o anno de 723 ant. Ch.— ás lutas que se lhe relacionam. Em materia de diagnose as duvidas são evidentes: affectam a noticia como succede com os flagellos anteriores.

Ainda, como complemento das epidemias d'este periodo costuma dar-se a transcripção dos quadros chronologicos de Rossi, que abrangem outras pestes anteriores á primeira data christã: Estas são em grande numero:

Da Grecia ha a registrar 6 invasões que tiveram logar no ix, vii, vi e v seculos ant. de Chr.; da Asia Menor e Syria ha noticia de quatro pestes, nos ix e viii seculos ant. de Chr.; e, finalmente na Italia houve tambem grandes ataques pestilenciaes que subiram ao numero de vinte e tres no espaço de 200 annos (do viii ao vi seculos).

Todas estas referencias necessitam de confirmação historica e corroboração diagnostica.

*

Finalmente os tratadistas costumam referir-se mais ou menos detidamente á *peste de Marco Aurelio*. D'ella nos occuparemos a breves traços.

É assim indevidamente conhecida e denominada a epidemia que teve logar no tempo d'aquelle Imperador, e acompanhou Lucio Vero depois das campanhas contra os parthas em todo o trajecto d'aquelle chefe.

Occupando o interregno que intervalla os annos de 166-170 (1) começa na Italia, e irradia-se d'ahi pela Europa; demora-se na Grecia e ultrapassa pelo ultimo tempo as costas da Africa.

(1) Post. a Christ.

Foi altamente virulenta, porventura mais mortal que a praga atheniense.

Quanto á natureza morbida deve, como a de Thucydides, filiar-se no quadro das doenças exanthematicas e similarmemente considerar-se uma variola exaltada, mas nunca uma verdadeira peste — designação esta que a falta de bubões e carencia de outros signaes symptomatologicos particulares excluem por completo.

II

Na Edade Média as epidemias recrudeschem.

Quando no decorrer do anno de 542 aquella edade descreveu na Historia o cyclo tumultuario das conquistas barbaras — appareceu, reinando Justiniano, a grande *peste de Pelusio*.

Irradiou do Baixo-Egypto aos Estados confinantes; e, seguindo em desordenada carreira a baixa vertente da Europa, espalhou-se por todo o Globo.

Durou perto de meio seculo — o tempo sufficiente para uma devastação extraordinaria. Devida, segundo Hecker, ao contagio produzido pela approximação dos barbaros asiaticos que por este tempo assolaram o Continente, n'este novo meio se adaptou e subsistiu. Os effeitos que provocou são-nos testemunhados por Procopio (1) que n'um dia poude registar em Constantinopla o perezimento de 10:000 pessoas!

(1) Procopii Cæsariensis historiarum sui temporis, libri viii, t. 1, cap. xxii et xxiii. Pestilentia gravissima. Cite. de Proust. La Défense de l'Europe contre la Peste.

Transmittida depois a Liguria, ás Gallias, e — em breve tempo — á Hespanha por um navio infectado vindo de Marselha, sabe-se que em todos estes Estados se assignalou tristemente pelo alto numero de pestosos que produziu.

«Em França — diz Gregorio de Tours (1) — a mortalidade foi tão consideravel que não foi possível fixar o numero das victimas».

Em conclusão: esta epidemia tomou as proporções historicas d'um memoravel acontecimento.

*

Depois do seculo vi o flagello diminuiu um pouco.

No espaço de 800 annos a partir d'aquelle periodo a Europa gosou d'uma relativa bonança, apenas interrompida pelo alarme d'um ou outro Estado que supportou o resquicio de tão horroroso mal.

Só a lembrança da peste antecedente — ainda de todó não apagada da memoria dos povos, que por tanto tempo a tinham supportado alliada a todas as outras desgraças — vinha de quando em quando tol-
dar a expectativa.

Mas estes mesmos pronuncios que vinham, d'um ou outro ponto geralmente considerados uma simples ameaça, ou prevenção exaggerada, nem aviso foram: de nada serviram como lição e valeram pouco como exemplo.

(1) Gregorii Turonensis Opera omnia, lib. ix, cap. xxii.

Entretanto um novo acontecimento devia fechar a Edade Média, e porventura superior áquelle que lhe tinha marcado o inicio.

No meado do seculo xiv, quando tudo parecia indicar uma atmospherá de paz, que deveria transicionalmente servir á preconisação da Renascença, appareceu na Europa a grande peste de 1348 — geralmente denominada *peste negra*.

O panico estabeleceu-se de novo, e o receio — mais justificado agora pela dizimação progressivamente assustadora — tomou toda a Europa. Produziu uma hecatombe formidável; e póde considerar-se um dos factos mais tristemente memoraveis de toda a edade medieval.

A terça parte do mundo — diz Joseph Michon — morreu victima de tão assustador flagello (1).

Do livro que appareceu ultimamente truncado na antiga bibliotheca imperial em França (2); e, que a Faculdade de Paris subscreveu e elaborou n'este tempo sob o patrocínio do rei Philippe e ao qual se liga hoje um alto valor historico, ressaltam claramente as hesitações da velha corporação em face do momentoso problema (3). Este na verdade pareceu-lhes invençivel.

Similarmente a Escola de Montpellier publicou

(1) Document inédit sur la grande peste de 1348. Joseph Michon.

(2) Consultation de la Faculté de Médecine de Paris. Biblioth. impèr. 1348. Cit. et transcript. pour Michon.

(3) O alludido relatorio trata primeiro (*summæ primæ*) das causas geraes e remotas (*De causa universali et remota*); em seguida (*Capit. ii*) das causas particulares e proximas (*particulari et propinqua*). N'umas e n'outras se signalam factores perfeitamente innocentes no contagio; e cuja noticia se deve ao atraso da epocha que a propria faculdade accusa e reconhece.

uma *memoria* sobre a epidemia (1). O seu valor é também pequeno e pouco adianta mesmo á historia d'esta peste apesar de publicada depois de 1349 — já quando a doença declinava em França, deixando atraz de si a triste experiencia d'uma trajectoria tão singularmente percorrida.

Relativamente ao inicio muito se tem escripto. Succede porém com a *peste de 1348* o que geralmente se dá com todas as epidemias: desconhece-se-lhe o ponto de partida.

Não nos deteremos na analyse d'este problema. Assentamos na carreira que geralmente se lhe attribue e perfilhamos como mais provavel:

Suppõe-se que originariamente vindo do Oriente o contagio sahisse apressado da China (1334) para a Persia; sabe-se que ganhou a Russia e se estendeu pela Polonia; foi por 47 e 48 á Allemanha, á França, á Italia, á Hespanha e a Portugal; é cruzando em 1349 a Mancha subiu á Inglaterra. Em 1351 galgou o Mar do Norte e foi á Noruéga; finalmente em 52, depois de ter victimado um terço da população europea, retirou ás costas da Africa, seguindo o Mediterraneo.

Depois ainda ficou reinando endemicamente em varios pontos da Europa até ao fim do seculo xiv. Mas n'este tempo é para notar que a virulencia se attenua progressivamente. As epidemias subsequentes podem já considerar-se simples reflexos da peste de 48.

(1) Consultation d'un Praticien de Montpellier. 1349 Cit. et transcript. pour Michon. *Obr. cit.*

Esta praga que fecha os tempos medievaes — foi porventura uma das mais terriveis que assolaram a Europa, e póde mesmo dizer-se o mundo.

Desenhando uma trajectoria irregular atravez de tres continentes: — a Europa, a Asia e a Africa, assignalou a vertiginosa carreira pelo crescido numerario da mais assombrosa mortandade.

Os calculos são, no geral, variaveis; mas não será exaggerado affirmar que a Europa perdeu n'este tempo um terço da sua população.

Na Asia e no Continente Negro o numero de baixas foi menor; e assim era natural que succedesse.

Se a victimação continuasse na proporção do inicio a despopulação absorveria uma das cinco partes do globo, provocando um notavel disequilibrio.

Mesmo assim, posta em confronto com o cataclysmo barbaro, a *peste negra* excede pelo terror aquelle acontecimento.

Mas, se separadamente os dois factos têm na historia um logar tão assignalavel, congregados vão além de todas as previsões.

Collocada entre os dois successos — a invasão dos barbaros que vêm do Norte e a *peste negra* que segue do Levante — a Edade Média depara-se-nos um verdadeiro periodo de esphacelamento, de dissolução e de terror.

III

Chegam os tempos modernos. Tristemente batidos por contagios innumerados os seculos que formam este cyclo — foram a continuação historica das dizi-

mações passadas: a mesma curva d'acção a registar; identico numerario a transmittir.

No seculo xv ainda poude constatar-se uma certa attenuação, que marcou um interregno bonançoso no seguimento epidemiologico d'esta Edade. Mas nos seculos que seguem houve uma recrudescencia manifesta — exaltação esta que se prolongou até ao xviii, já caracterizado por uma indemicidade *duradoura*.

Pelo entardecer do xvi seculo o velho mundo começou a refazer-se do abalo violentissimo que tinha soffrido, e recobrado pelo instincto da *fusão* — que afinal viera reforçal-o — preparou-se para de novo preponderar.

Á descentralisação imposta pela força barbara do Norte ia oppôr-se a delimitação normal dos velhos Estados — unidos pela affinidade das raças e communhão de vida; á expoliação commercial do povo intruso devia succeder agora — definidos os campos — uma ractificação amigavel — assente em mutuas transigencias. Tinha chegado a Renascença; a refrega interna tinha acabado: — e tudo fazia prever — com o restabelecimento politico, economico e moral do Continente reformado — uma aurora de paz.

Assim devia ter succedido..

Entretanto, a estabilidade procurada e para que tendia a quietude dos espiritos, soffreu de repente um abrupto abalo: novas desgraças vieram á Europa.

O testemunho insuspeito da historia mostra-o bem claramente.

Logo por 1577 a Italia soffreu o embate d'uma grande peste. Esta região que attenta a sua situação maritima deveria florescer pelo commercio, e á qual

estava reservado um papel preponderante na Economia europeia, foi logo de principio ferida nos seus interesses e cerceada em sua liberdade contractual.

Primeiramente circumscripta ás costas do Adriatico a peste avançou a Milão; seguiu e avassallou todo o territorio italiano; cruzou e ultrapassou a Península!

Oriunda de Padua — na opinião mais seguida — contornou a Italia pelo Oriente, visitando em primeiro lugar as cidades banhadas pelo Adriatico e Jonico; perdeu, depois, a predilecção pelos pontos maritimos, e desde certo tempo toda a Italia se tornou um foco de irradiação — prestes a contaminar as cidades, povoações e paizes que com ella privavam.

Este não foi, porém, o primeiro flagello da Península n'este periodo.

Antes de 1577, e ainda anteriormente ao seculo XVI, houve na Europa varias epidemias de procedencia italiana.

Em Portugal, por exemplo, sabe-se que desde 1415 até 1690 (XV-XVII seculos) houve uma série grande de contagios que designadamente se referem aos annos de 1579, 1598 e 1545 (1). O mesmo succedeu nos outros paizes.

A peste de 77 sómente sobreleva as outras em intensidade: — foi uma das mais signaladas n'este tempo, e d'ahi as maiores referencias que tem merecido na historiographia geral.

(1) Estas epidemias e bem assim outras que dizem respeito ao paiz merecem um capitulo especial de que farão objecto. Seguirá immediatamente com a epigraphe: — *A peste portugueza*.

*

No seculo xvi, tanto o Oriente como o Occidente começam a soffrer alternados embates. Parece que a partir da ultima invasão na Europa a peste venceu a relativa immuidade de que gosava este continente. Ahi, de facto, a vemos estadear-se — ora envolvendo-o simultaneamente com as regiões occidentaes da Asia, ora obrigando o velho mundo a uma alternativa que, sobre ser caprichosa, foi assustadora.

Relativamente sereno o perpassar do xv seculo, o recrudescimento epidemico deu-se nas epochas seguintes. Mas, se nos principios do seculo xvi ainda a peste principalmente se circumscreve ao Oriente; logo depois a vemos tomar apressada o velho continente, estabelecer-se breve no sul da Europa — especialmente na França e Italia meridionaes; e, depois de regressar ao Oriente na terceira metade do seculo xvii, voltar novamente á Europa — para agora percorrer os Estados centraes, seguir o Mediterraneo e caminhar finalmente por todo o noroeste.

N'este percurso subiu á Inglaterra que assolou pelo anno de 1655, victimando em Londres 70:000 habitantes; por 1680 regressou pelo Atlantico e tornou á Hespanha; entrou depois no Mediterraneo e passou novamente á Italia e d'aqui á Suissa; d'esta transpôz a Allemanha, a Austria e finalmente a Polonia.

A Russia nada soffreu devido ás medidas prophylaticas que principalmente se tomaram nas fronteiras de oeste, d'onde a invasão parecia querer derivar.

E, n'este seculo poucas mais epidemias houve.

Além das referidas, ha sómente a considerar: —

a de Nimègue que montou ao anno de 1635; a de Ruão em 1639 (1); a que se deu em Lyão em 1628; e a de Montpellier em 1629, — estas ultimas muito importantes pela circumscripção abrangida e violencia que tomaram n'aquellas cidades.

*

No seculo xviii houve dois contagios violentissimos.

O primeiro — de Marselha — appareceu logo no alvorecer d'este periodo, por 1720. É considerado um dos maiores na historia, e o mais mortifero do cyclo moderno.

Boudin descreveu-o e pormenorizou-o da seguinte fórma :

« Toutes les boutiques fermées, le commerce arrêté, les travaux interrompus, toutes les rues, toutes les places, toutes les églises désertées; — ce n'est encore là qu'un premier coup d'oeil de la dévastation de Marseille.

« Quelques jours après, l'aspect de Marseille était effrayant. De quelque côté qu'on jette les yeux, on voit les rues jonchées des deux côtés, de cadavres qui

(1) Desde o seculo xvi ao xvii houve ainda diversas invasões de peste n'aquella cidade. São dignas de menção especial as que dizem respeito aos annos de 1505, 1517, 1518-1529, 1534-1539, 1555-1557, 1566-1589 e 1591.

(*La peste à Rouen. pour le Dr. Boucher, 1897.*)

*

s'entre-touchent et qui, étant presque pourris, sont hideux et effroyables à voir.

«Comme le nombre des forçats qu'on a, pour les prendre dans les maisons, est de beaucoup insuffisant pour pouvoir, dans tous les quartiers, les retirer journellement, ils y restent souvent des semaines entières et ils y resteraient encore plus longtemps, si la puanteur qu'ils exhalent et qui empeste les voisins, ne les déterminait, pour leur propre conservation, de faire un effort sur eux-mêmes et d'aller les retirer des appartements où ils sont, pour les traîner sur le pavé.

«Ils vont le prendre avec des crocs et les tirent de loin avec des cordes jusqu'à la rue; ils font cela pendant la nuit pour être libres de les traîner le plus loin qu'ils peuvent de leurs maisons, et de les laisser étendus devant celle d'un autre qui frémit le lendemain matin d'y trouver ce hideux object qui l'infecte et lui porte l'horreur et la mort.

«On voit tout le cours toutes les places, tout le port traversés de ces cadavres qui sont entassés les uns sur les autres.

«Sous chaque arbre du cours, et des places publiques, sous l'auvent des boutiques, on voit, entre tous ces cadavres, un nombre prodigeux de pauvres malades et même de familles tout entières, étendus misérablement sur un peu de paille ou sur de mauvais matelas (1)».

Este quadro é a photographia fiel d'um estado, que hoje custa a conceber, em seus detalhes.

(1) *Corresp. Médic.*, févr. 1897.

Os espiritos tinham attingido o maximo dos desesperos: — nem a confiança medica era penhor bastante á segurança publica; nem da prophylaxia decretada havia a esperar beneficios.

Sabia-se que as medidas tomadas com a chegada do navio *Grand-Saint-Antoine*, vehiculo do contagio, não tinham obstado á propagação do mal; que tinha havido durante a travessia d'aquelle vaso dois casos de peste bem constatados, que deviam ter posto de sobreaviso a Intendencia Sanitaria; que esta entretanto nada fizera e a epidemia avançara.

Pretendeu-se dissimular as primeiras baixas, obstar ao isolamento da tripulação do navio mercante, salvar o carregamento empestado; e o resultado foi que o contagio ganhou a cidade; e, logo no mez de Agosto do anno de 1720, houve em Marselha uma devastação de 500 a 600 pessoas por dia — numero este que progressiva e rapidamente se elevou a mil!

Depois esta dizimação cresceu, tomou terreno, caminhou do primeiro fóco a Provença, e então o numerario augmentou, — calculando-se que os mortos se elevassem nas regiões empestadas á cifra de 86:000 victimas, n'uma população de 247:000!

O regimen das quarentenas, (1) inaugurado no primeiro quarto do xvi seculo, soffreu então o primeiro e um dos mais violentos embates; viu-se que os cordões de resguardo eram uma criação dispendiosa e inutil — servindo simplesmente para augmentar o panico — ás vezes para disseminar o contagio; as duas medidas conjugadas provaram a incompetencia das

(1) Proust — *Obr. cit.*

instancias superiores de sanidade, que ingenuamente se tinham deixado ludibriar pelo pessoal do Grand-Saint-Antoine; e entretanto a Intendencia satisfazia-se com suggerir decretos, e proclamar disposições incongruentes, que — impostas sob alternativa da pena de morte — completavam o negro quadro d'uma conjunctura, independentemente de tudo isto afflictiva.

A medicina exauctorára-se.

Dos profissionaes chamados a intervir, poucos souberam elevar-se á altura das responsabilidades. Uns prevaleciam-se de apostolizações ridiculas e aconselhavam que os soccorros se prestassem atravez das janellas e das portas; outros resignavam por completo os seus deveres, e prescreviam o abandono dos doentes!

Estes com pouco podiam contar. Começaram por este tempo a usar-se grandes machinas para subministrar os soccorros; os cirurgiões — quando n'um excesso de benemerencia desciam a sondar os bubões, — serviam-se de pinças que tinham de comprido 1,80; as excisões eram praticadas com bisturis de 65 centímetros; e isto mesmo tinha logar raras vezes, pois, no geral, os doentes morriam accumulados nos lazaretos, sem a ministração d'um soccorro — a visita d'um medico!

Esta epidemia tem uma triste historia, que documentada com tão vergonhosos successos, nos deixou atravez do tempo a impressão indelevel d'uma assombrosissima tragedia, — não raro intervallada de prescrições ridiculas e terrores burlescos.

Segue a peste de Moscow, uma das ultimas d'este periodo.

É menos violenta que a anterior, mas nem por isso pôde deixar de considerar-se importante, attenta a epocha a que respeita e a condicionalidade de que se fez acompanhar. Sendo originada na guerra que em 1769 trouxe preocupada a Russia, sabe-se que foi vehiculada pelos prisioneiros ottomanos que o commandante Fabricio mandou hospitalar em Moscow, e depois espalhada pelas tropas e população que com elles estiveram em contacto.

Por muito tempo se ignorou o character e natureza d'esta molestia, que indevidamente começou por suppôr-se uma simples febre maligna-epidémica, sendo tratada com desprezo dos meios operatorios, e em pleno desconhecimento das prescripções curativas e prophylaticas que deviam orientar-lhe a primeira debellação. Só em Janeiro de 1770, — no anno seguinte áquellê em que teve logar o decisivo combate de Galatz, — a Corporação adjunta ao Hospital de São Petersburgo viu o character da molestia de que se tratava, atravez das particularidades pathognomonicas que, após um anno de perigoso occultamento, ponde descobrir.

Com a surpresa dos bubões, as duvidas desapareceram; o tratamento da molestia substituiu-se e adaptou-se a novas prescripções, — tudo mudou de rumo. Foi porém tarde: — o contagio tinha avançado; percorrera sem detença o sudoeste da Russia, e espalhara-se pelas regiões septentrionaes. Ao declinar de vez deixou a registar um alto numerario: — 300:000 victimas foi a cifra calculada.

E, com este flagello, a peste de Messina em 1743, e a epidemia da Hollanda em 1797, — fecha o periodo moderno.

IV

A idade contemporanea deixa antever com o seculo xix uma alvorada de relativa bonança na vida da Europa.

Suppoz-se que os Estados do velho mundo sujeitos pelo successo de continuas epidemias a uma immunização forçada, tinham logrado oppôr-se ao recrudescimento dos contagios; imaginou-se que a molestia já cançada da carreira longamente descripta, ia retirar de vez ao primeiro berço, abandonando as populações latinas; pareceu que a prophylaxia utilizada fôra garantia bastante á tranquillidade geral.

Entretanto, não succedeu assim. Se bem que haja a considerar um notavel decrescimento no principio do xix seculo — é certo que as epidemias não usaram na sahida a precipitação da entrada; embora menos intensa e violenta, a peste do seculo xix prende nas edades passadas.

Logo no decorrer de 1808 Constantinopla foi subvertida por 150:000 casos bem confirmados d'esta epidemia, que, embora declinasse um pouco em 1813, nem por isso deixou de affirmar uma virulencia bastante accentuada — ao contrario do que se tinha previsto. Em 1814 e desde este anno a 1866 consignam-se não menos violentas invasões, que, começando pela costa do Adriatico, depressa tomaram as ilhas Jonicas e as cidades do nordeste da Italia — em geral as regiões septentrionaes da Europa.

N'esta corrente estão : a peste de Noja, alguns flagellos que por 1828 grassaram na Morêa, e varios

contagios, que descrevendo uma curva irregularmente accidentada, assoberbaram a costa occidental do Mar Negro.

Houve mais por este tempo ; entretanto são estas epidemias as que principalmente se prenderam á primeira metade do seculo xix.

De 1845 a 1854 descançou a Europa, havendo, a partir d'este ultimo anno, um regresso epidemico — que localizou aos primeiros fócios a *praga do Levante*.

*

N'estes pontos costuma geralmente estudar-se o mecanismo intimo da respectiva acção; o progredir irregular do seu movimento, a preferencia dada a um outro lugar; a relação cósmica e ligação tellurica que lhe determina, garante ou suspende a estabilidade. Não póde restar duvida de que a *praga oriental*, ultrapassando as regiões do Levante veio adventiciamente crear novos reductos, abandonando o velho condicionalismo asiatico e adequando-se a circumstancias inteiramente novas.

Estas determinaram-se pelas relações commerciaes que abraçaram os mais oppostos continentes, — pelo restabelecimento das vias maritimas ou terrestres, que os povos foram creando e mantendo, em bem do equilibrio economico das respectivas nacionalidades.

Ora, houve um momento em que, no proprio Oriente, os povos sentiram a expectativa feliz do afastamento dos contagios. Coincidiu este tempo com a declinação signalada na Europa e relativo socego da Africa.

Não durou, porém, a illusão. No entardecer do XIX seculo notou-se o regresso; dos antigos focos, sahiu o alarme consciente dos que se lembravam ainda da molestia e viam nos primeiros estragos a dizimação que ia produzir-se.

O Estado que logo a principio lhe sentiu a visita foi o Egypto, que desde os tempos mais remotos a conhecia. Collocado na extrema d'um Continente, banhado de norte a léste por uma grande faixa de agua — o Mediterraneo e o Mar Vermelho, — além d'isto ligado directamente á Asia pela passagem movimentada do Suez — reune em si as desvantagens de um verdadeiro fóco.

D'este primeiro logar, é facil vêr como a epidemia passou a Tripolí. O pouco cuidado da região, de certo bem pouco precavida com isolamentos e medidas prophylaticas que lhe impedissem a importação — foi o motivo da entrada. Começou por se estadear em Benghazi, seguiu a Derusa; percorreu o territorio norte-africano em varias direcções; e só pareceu satisfazer-se quando ganhou o Interior — no sentido do Sahará.

Na Asia o perimetro alcançado foi indubitavelmente maior.

A praga começou a noroeste, tomou o Oriente antigo; passou em breve tempo á China; espalhou-se pela região indica; e galgou as costas do Pacifico. Procuraremos dar a breves traços uma ideia rapida d'esta digressão.

As *pestes arabicas* têm a prioridade dos archivos. Nas memorias epidemiologicas da epocha remontam ao anno de 1874.

As tribus de Ali-Sadi e Dali-Dachman, nos limi-

tes de Dachma e Beni-Cheir, foram as que primeiro receberam o contagio, devido ás deploraveis condições hygienicas em que viviam. Geralmente as povoações da montanha vergam-se diante da fatalidade d'este mal porque o julgam um designio de Allah: todas as precauções são ahi propositadamente evitadas (1).

Além d'esta muitas outras causas influem no mau estado sanitario que normalmente ahi se regista.

Em 1895 ainda a peste lá grassava com bastante intensidade, e o facto preoccupou bastante a Europa, pela proximidade da região do Assyr com a cidade de Meca—um dos pontos da Arabia que mais ligação tem com o mundo commercial, asiatico e europeu.

As epidemias da *Mesopotamia* affligem a região a partir do penultimo seculo (1773), mas destacaram-se e tornaram-se mais perniciosas desde 1802 e 1831, quando invadiram Bagdad e avançaram pela vertente septentrional da circumscripção Mesopotamica.

Localizaram-se especialmente ao Irak-Arabi, que tomaram em 1874-75-76—depois de terem seguido o littoral do Euphrates, occupando a antiga área da Babilonia; d'ahi passaram ao moderno estado do Kurdistan—importante divisão tributaria da Turquia Asiatica (1877-86).

A seguir, sobrevieram as *pestes persicas* geralmente assim chamadas em razão do perimetro geographico que as delimitou.

(1) Este facto é tanto mais curioso quanto é certo terem a população todo o cuidado em se preservar da variola. Proust. *Loc. cit.*

Partiram, segundo a opinião mais provavel, de Vetlianka; caminharam de preferencia a Recht e espalharam-se a breve tempo pelo Iran (1877). Depois de 1855, abandonaram em parte as primeiras regiões visitadas; seguiram mais para o Levante (1887); e na trajectoria descripta atravessaram o Afghanistan e chegaram até aos pontos montanhosos do Baixo-Himalaya.

As pestes da China são tambem de remota origem; e, similarmemente ás anteriores objecto do mais colorido descriptivo na historiographia epidemiologica.

No seculo XIX a peste disseminou-se a partir de 1866, nas mais notaveis e preciosas ilhas do Mar da China. As regiões do Yunnan foram tambem os pontos escolhidos pela situação — para receberem os primeiros embates da molestia, que depois passou mais ao interior, tendo prolongado a sua estada allí, por 71 e 72.

Ultimamente voltou em 94 — prolongando a visita de 96 a 99, e envolvendo n'esta evolução o territorio de *Hong-Kong*. Em 1894 occupou toda a ilha e suggeriu importantes missões scientificas, que ahi a foram estudar por ordem dos competentes governos. Foi d'esta travessia que resultou para a sciencia a grande descoberta de Kitasato; e foi de tão pequena região que o sabio communicou á Europa a feliz e surpreendente devassa do agente determinador do Mal do Levante.

Além d'aquelles pontos outras regiões foram infectadas. Sem descermos a circumstanciar o que consta da respectiva historia, referiremos que a molestia appareceu por 1895: — em Cantão, Amoy e Macau; regressou por differentes vezes á possessão de Hong-Kong;

infectou e abandonou com irregulares intermittencias a circumscripção de Yunnan (1).

Em Macau sabe-se que grassou ainda em 1897 e 1898.

Esta ultima data coincide com o alastramento que levou a doença mais para o nordeste — fazendo-a chegar até ao Japão.

No *Industão* apparece tambem a partir de 1815; sahi da pequena península de Guzerate — e d'ahi alcançou as regiões visinhas depois de morosa estada, no primeiro ponto, até 1846.

Desde este anno a 1880 segue pelo Baixo Himalaya, alcançando as origens do Ganges; acompanha este rio e attinge no percurso a estação indica de Calcuttá; regressa finalmente á costa occidental e chega a *Bombaim*, por 1896.

N'esta presidencia os casos de peste foram numerosos, ascendendo a cifra dos pestiferos a 400:000. Isto levou á região varias missões — que animadas pelo bom resultado de Hong-Kong para ahi partiram a estudar a molestia. Os trabalhos dos enviados têm o merito de condensar uma observação conscienciosa — assente n'uma importante casuistica epidemiologica (2).

Com o *flagello de Bombaim* acalmam as epidemias do seculo. xix na Asia. A partir de 1899 passam da India a Alexandria e seguem para a Africa. Desde

(1) *Épidémies d'origine exotique et, en particulier de la Peste* par Louis Glanois.

A peste Bubonica por Gomes da Silva. 1899.

(2) *La Défense de l'Europe contre la Peste*. Proust, 1897.

1898 vêmos o seu reaparecimento na Europa; e o seculo presente fornece dados para o seu estudo, tanto n'aquelle Continente como na região oceanica e America do Sul.

D'estas trataremos em breve. Agora, cumpre retomar a segunda metade do seculo XIX na sua relação chronologica com as pestes da Europa.

*

O anno de 1878 deve considerar-se como sendo uma data memoravel para nós, na ligação que tem com a inesperada *epidemia de Vetlianka*.

A este pequeno logar estava reservada a alta provação da prioridade no contagio, depois d'um descanço relativamente longo para o Continente.

Situada nas margens do caudaloso Volga, o mal devia ter-lhe sido levado da Asia, d'onde então se receberam fazendas suspeitas; ou é possível que viesse, como outros opinam, com as tropas russas que na Armenia tinham privado com os soldados turcos.

A principio suppôz-se uma simples febre intermittente (Koch), sem contagio embora com bubões; tudo socegou na esperança d'uma debellação immediata; e abandonou-se a suspeita terrorista do verdadeiro mal.

Logo, porém, após os primeiros casos, que foram compassados, se notou um progressivo recrudescimento: o isolamento foi prescripto; e o verdadeiro diagnostico fez-se oficialmente conhecido.

Então, quasi todos os estados na Europa sentiram a expectativa d'uma conflagração imminente; e a

verdade é que se esta se não tem dado, é facil adivinhar que um futuro proximo a póde trazer.

O mal de Vetlianka deteve-se na primeira região. E, ou o facto fosse devido á fórma attenuada do contagio, á situação especial d'aquelle povoado, ou a outras causas, é certo que não houve alastramento. Entretanto as medidas tomadas não podem merecer-nos applausos e contrariamente devem considerar-se nos extremos d'uma civilisação acanhada. Os cordões sanitarios usados na Russia têm uma unica explicação: esta consiste no regimen absoluto que a nação representa. Como systema de defeza geral não podem nem devem admittir-se. Como exemplo, Vetlianka nada representa. Quanto a nós a debellação da epidemia deve-se á fórma orographica do ponto.

No periodo contemporaneo tem havido continuas ameaças nos differentes continentes. Especialmente desde 1898 para cá, tem-se feito sentir nos portos internacionaes da Asia, da Africa e talvez como derivação d'estes fócos, em varias cidades da Europa.

Em 1898 deu-se na Austria uma dizimação virulenta, embora limitada, que foi considerada *uma peste de laboratorio*, e victimou logo no começo o Dr. Müller e alguns empregados subalternos do gabinete que a irradiou. Foi suffocada após as primeiras manifestações.

Em Maio ou Junho de 1899 fez a sua entrada em Portugal a *peste do Porto*, sendo confirmada no dia 8 d'este ultimo mez pelo actual professor da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa o Snr. Ricardo Jorge.

N'aquella mesma cidade se demorou por 1900,

havendo agora suspeitas de reviviscencia no anno corrente (1).

Em 1896 tiveram logar os primeiros casos de Glasgow na Inglaterra, que a partir d'esta data tem passado por transes difficeis, na resolução de tão serio problema, como é o d'este advento.

A molestia não tem deixado aquella cidade, que, especialmente de 98 para cá, tem sido a preocupação das Instancias Inglezas — que até agora têm sabido oppôr ao mal do Levante uma prophylaxia bem dirigida e especialmente consentanea com a vida commercial da população britannica (2). Actualmente (1901) vemos pelas revistas medicas e periodicos portuguezes e estrangeiros que o flagello se exacerba a despeito de todos os cuidados.

Do Governo Portuguez, sabemos terem sido dadas ordens terminantes para as restricções sanitarias de tal procedencia. Nada acrescentaremos sobre a origem e virulencia da molestia em taes paragens. A sua historia terá de fazer-se mais tarde.

De Marselha sahiu tambem a 14 de Setembro do anno corrente um vapor — o *Senegal* — que parece ter sido infectado em Alexandria (3) ou talvez na pas-

(1) Reportamo-nos ás supposições levantadas no Porto em Junho passado. Como elucidação d'esses casos pouco se poude colligir. Parece que se fez um *diagnostico reservado*, nada resultando de official em materia de cautelas. Póde ler-se sobre o facto um judicioso artigo, inserto do *Movimento Medico* (1901) e firmado pelo prof. dr. Sousa Refoios.

(2) Académie de Médecine de Belgique. Séance du 27 Octobre 1900. *La Semaine Medicale*, 1900.

(3) Académie de Médecine. Séance de 29 Octobre 1901. Communication de M. Busquoy.

sagem do canal de Suez (1); e, que tendo tido a bordo alguns casos bem caracterizados, teve de desembarcar os passageiros no lazareto de Frioul.

Finalmente o caso mais recente a relatar é a epidemia que acaba de dar-se em Italia, na cidade marítima de Napoles.

Parece ter começado a 28 de Setembro do anno que corre. Até agora o numero de pestosos tem sido muito restricto.

Das pestes dos outros Continentes pouco ha a referir além das que ficam expressas. Ao presente sabe-se unicamente que a epidemia que grassou nos Estados do Brazil em 1899, acaba de voltar a Santos, e começa a espalhar-se pelo Rio de Janeiro. Na Africa ha sobretudo a temer a cidade de Alexandria.

*

Endemicamente, reina o flagello do Levante em varios pontos da Asia e do Continente Negro. Dá-se esta permanencia desde os tempos mais recuados. Já os antigos conheciam e consideravam zónas defesas: — as regiões da Mesopotamia, a Persia, o Assyr, o norte da India e a circumscripção Turkestanica.

Na Africa eram conhecidos os focos do nordeste, e especialmente Tripoli.

Actualmente parece-nos excessivamente acanhada

(1) *Medicina Contemporanea*, publicada e dirigida pelo professor M. Bombarda. Anno XIX, n.º 40.

a referencia exclusiva de tão limitado numero de pontos.

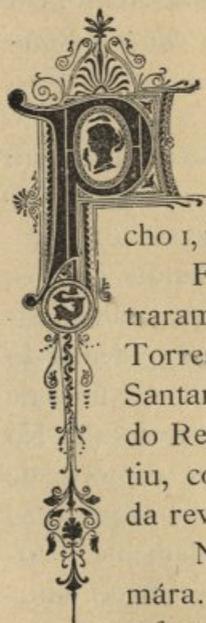
A peste vive em quasi toda a Asia Costeira, pontos orographicos do Interior e norte d'Africa. N'aquelle Continente são fócios de permanencia epidemica as regiões delimitadas pela Turquia e Arabia, nas porções banhadas pelo Mediterraneo e Mar Vermelho; toda a India contornáda pelo Golpho d'Oman e mar das Indias; as ilhas chinezas e toda a região Leste do Grande Imperio.

No Continente Negro a peste é hoje endemica principalmente no Egypto — em geral na area banhada pelo Mar Vermelho; e, mais ao norte, costuma estender-se pelos Estados Tripolitanos.



A PESTE PORTUGUEZA

I



PORTUGAL teve, nos fins do decimo segundo seculo, sob o dominio de Sancho I, um momento de tormentosas provações.

Foi quando as hostes sarraceñas penetraram as fronteiras luzitanas; Yacub tomou Torres-Novas, assediou Thomar e ameaçou Santarem; o desalento penetrou as guerrilhas do Rei — já prestes a render-se; e o povo sentiu, com a expectativa da queda, a coragem da revolta.

Na difficil conjunctura D. Sancho desanimára. Imaginou que o terreno dilatado pelo esforço de Affonso I, ia estreitar-se com a refrega; reuniu os cavalleiros que gloriosamente tinham combatido ao lado do pae, e entregou-se aos successos.

Então uma intervenção eventual veio desviar a lucta; retemperar o valor dos soldados; e indicar aos assaltantes o caminho das fronteiras.

Reportamo-nos á doença.

«A estação em que os invasores chegaram — diz
«Herculano — ás margens do Tejo, e as *febres* que
«ainda hoje costumam reinar pela Estremadura du-
«rante o ardor da canicula são circumstancias que
«ajudam a aclarar a causa do procedimento ulterior
«de Yacub (1), procedimento que um chronista inglês
«contemporaneo, levado da vaidade nacional, attribue
«ao temor produzido pela vinda dos cruzados e que
«nós cremos ter unicamente nascido do estrago que
«faziam no exercito sarraceno a malignidade do clima
«n'aquella quadra e a falta de victualhas. Acaso, elle
«proprio foi tocado do *mal que grassou entre a solda-*
«*desca*».

Ora este *mal*, que Herculano testemunha com
uma Inscrição do tempo (2), foi para muitos a pri-
meira *peste* que invadiu o reino.

Confundindo-a com os acontecimentos coevos,
Christovão Acenheiro pauta-lhe a data de 1228; desi-
gna-a como tendo sido uma característica epidemia do
Levante; e accrescenta-lhe com Ruy de Pina, Nunes de
Leão e outros mais duas invasões congeneres (3). No
anno de 1228 — dizem — tiveram logar a morte de
Fernando de Hespanha, a entrada d'Albozaque e as
febres. Estas — accrescentam desavisadamente — fo-
ram talvez communs á epocha e uma derivação natu-
ral das inverniás que na occasião se deram e das guer-
ras que então nos agitaram (4).

(1) A suspensão das hostilidades.

(2) Herculano — *Hist. de Port.* Tom. II, 5.ª edição.
Inscripc. de Thomar — Vej. R. Hoveden. Ann.

(3) *Inedites de Hist. Port.* — Chron. dos Senh. Reis.

(4) Meirelles — *Epidemol. Portug.* Coimbra, 1866.

Ora, tudo isto é inexacto. Os chronistas lavraram o seu juizo n'uma grande confusão de acontecimentos e erro de datas: — nem Fernando morreu em 1228, nem Albozaque assediou, por este tempo, o paiz.

Trata-se de factos distinctos que Alexandre Herculano conseguiu definitivamente extremar, precisando, com todo o rigor historico, o anno de 1189, como sendo a epocha em que teve logar o *mal da soldadesca*.

Deixaremos os outros acontecimentos. Relativamente á molestia, temos d'inclinar-nos ao texto do grande historiador e á opinião, n'elle firmada, de Vieira de Meirelles, que com todo o fundamento afastam a ideia de peste em tão recuado periodo.

O texto dos chronistas n'esta referencia é especialmente talhado sobre a urdidura antiga, que, como tivemos occasião de vêr, intercalava sempre nos escriptos a latissima designação — *pestis*.

Ora este termo, no latim barbaro da Edade Média, era uma palavra que, significando na generalidade qualquer doença epidemica, chegava por vezes a tomar a accepção impropria de miseria, destruição e desgraça; — ás vezes era mesmo empregada para traduzir as molestias syphiliticas, (1) e outras que «afeiavam ou conspurcavam o corpo».

*

De facto, a primeira epidemia de peste que invade o paiz é a que na historiographia geral deixamos ex-

(1) Du Cange, Gloss. ad Script. Med. et Infim. Latin. t. 5. Cit. V. M.

pressa com a denominação de *peste negra*. Remonta a 1384. Como vimos, por esta data todos os paizes sentiram a visita do *mal levantino* — que ao reino chegou na evolução que o trouxe pela parte septentrional da Europa até á Península. Diz-se vehiculado por carregações de procedencia veneziana, recebidas antecedentemente do norte da Africa e especialmente do Egypto.

Uma vez na Europa e nomeadamente de França, é facil vêr como o flagello vence os Pyrenéos, passa á Hespanha e chega a Portugal.

Logo no meado de Junho do anno em que fez a sua entrada no reino (1348) morreram em Valença 300 pessoas por dia, diz o epidemiologista Meirelles (1); em Outubro o «mal das levadigas» escureceu o outomno; depois, o numero dos empestados foi progressivamente augmentado; e o paiz, tomado pelo assombro da fome e da miseria consequentes, foi a reproducção fiel dos outros Estados.

Em volta da origem da doença crearam-se as lendas mais absurdas: — imaginou-se que o mal estava na razão da passagem planetaria de Saturno, Jupiter e Marte em 14° de aquario, que os judeus tinham envenenado as fontes; e que o contagio provinha dos nobres. Estes foram impedidos de sahir de casa; obstou-se á entrada das pessoas «que não eram muito conhecidas» — collocando ás portas das cidades e das villas soldados armados; «e se alguem encontravam com pós ou unguentos faziam-lh'os engulir por força — conclue o historiador — receando que n'elles houvesse veneno».

(1) *Loc. cit.* pg. 32.

O paiz delirava, arrastado á demencia d'um desforço violento pela perda desesperadamente seguida da população. O mal alastrou-se, e Portugal entregue á fatalidade dos successos foi permitindo que a tempestade, que se tinha desencadeado por todo o mundo, satisfizesse uma extranha dizimação no nosso territorio.

Ao presente não póde precisar-se o *terminus* da epidemia. Em rigor simplesmente deve frizar-se a data do seu abandono em Hespanha — epocha em que se presume que já não existisse em Portugal (1).

Este tempo reporta-se geralmente a 1350 — isto é, áquella epocha em que a molestia abandonou o paiz visinho.

*

A *segunda praga* visitou-nos em pleno reinado de João I, de boa memoria.

Foi por 1415.

Aprestava-se a grande armada de Ceuta que devia consolidar na Africa o destino emprehendedor da Nação portugueza — entregue por uma eventualidade feliz ao genio aventureiro dos filhos do Rei. A nova epidemia chegou ao Tejo com os navios estrangeiros que sahiram a avigorar a frota, animados de bom presagio da conquista.

Logo aos primeiros rebates o mestre d'Aviz sahiu de Lisboa, recolhendo a Sacavem com os Principes e

(1) *Obr. cit.*

a Côrte. Mas a peste avançou; em breve espaço progrediu e alastrou-se, tomou aquella povoação, e obrigou o Monarcha a retirar de novo.

Este escolheu com a familia real outro reducto. Preparavam-se, porém para a partida quando a rainha manifestou desejos d'ir á Igreja fazer oração. Foi, mas logo a salteou a molestia e — no dizer dos chronistas — d'uma maneira tal, que os «físicos» julgaram o seu estado desesperado e calcularam que não podesse ultrapassar com vida o dia seguinte.

Assim succedeu. Apesar de operada, D. Philippa não poudo resistir.

A virulencia d'este contagio não ficou devidamente registada. Hoje pouco póde relatar-se a tal respeito. Trata-se d'uma epidemia afastada, sobre a qual a chronica não foi bastantemente expressa.

O tempo que demorou consta egualmente da obra de Frei Luiz de Souza, onde se expressa que, quando a armada aportou a Ceuta, ainda os navios que a compunham registavam casos fataes de peste.

II

Depois retirou. Mas mal terminava em Portugal a regencia de D. Henrique e subia ao throno o rei Sebastião, e já em 1568 a tinhamos de volta. Esta é geralmente conhecida pela denominação de *peste grande*.

Com o advento do joven Monarcha, começa para a nacionalidade portugueza aquella grande série de desgraças, que o curto espirito do Cardeal tinha preparado com hesitações e medos.

A peste foi como que o primeiro acontecimento d'esse fatidico reinado que devia terminar em Africa com o desastre de Alcacer.

O rei e o povo não tiveram a principio a consciencia do mal. Este foi grassando no meio que a miseria preparára; e só quando tomou, quasi de repente, toda a capital o paiz accordou.

Com os bubões descobriu-se e foi tratado o flagello; viu-se que no curto espaço em que progredira livremente tinha alcançado muito; o Monarcha chamou aos paços do Castello varios medicos; e, depois de reunidos, manifestou necessidade de ouvil-os.

Uns ponderaram-lhe que a doença era um mal vulgar, que n'aquelle anno tinha tomado maior violencia, devido á invernica que tinha sido forte, e especialmente fertil em humidades. Outros expressaram logo que se tratava d'uma peste bem caracterizada á qual eram necessarios os maiores cuidados, devendo mesmo, a partir d'aquelle momento, tratar-se do isolamento dos doentes, e outras medidas que a pratica do contagio antecedente tinha radicado na medicina.

A principio o rei hesitou. Depois foi pelos ultimos conselhos — os mais acertados — e preparou a partida para Cintra com a Côrte, nomeando uma Camara ou Tribunal de Saude para provêr ás necessidades do momento.

Havia porém pouco tempo que se retirára da Capital, quando o flagello penetrou em Cintra e quasi logo por todas as povoações proximas de Lisboa.

D. Sebastião foi avisado. Extranhou o percurso e mandou erigir ao santo do seu nome um templo; ordenou fervorosas preces; e decretou que, com o maior rigor, se observassem as medidas, que os me-

dicos da Camara tinham catalogado, para uso dos povos, n'um — *Regimento preservativo contra o mal da peste* (1).

Este documento é um lucidissimo trabalho que, a par d'um grande esforço, mostra notaveis conhecimentos, em relação á epocha. É referendado por medicos hespanhoes e portuguezes.

D. Sebastião, quando teve conhecimento da molestia, mandou offerecer altos proventos a dois praticos de Sevilha — onde então grassava molestia congenere á do paiz — para que, entendendo-se com os «fisicos» portuguezes, tomassem a «governança» de Lisboa, e satisfizessem as reclamações do povo — em harmonia com as necessidades da nação.

Entretanto o contagio ia lavrando: chegára depressa ás differentes provincias, e tomára em curto tempo todas as cidades.

O estado da população de Lisboa póde aferir-se por uma carta do jesuita Diogo Carvalho dirigida ao Padre Provincial de Coimbra, onde se attesta que tudo se retirava d'aquella cidade, deixando ao abandono os doentes, pois se esperava que no dia 13 do mez de Julho do anno que ia correndo um terramoto subvertesse a capital, levando a gente empestada, e a população que a molestia até ahí tinha poupado (2).

Em Coimbra tambem o mal se propagou rapidamente, a despeito das medidas tomadas quando o Rei ahí fixou a sua estada.

(1) É ainda hoje digno de lêr-se este documento que encontramos transcripto em Meirelles e a que Ambrozio Nunes faz as melhores referencias.

(2) Balthesar Telles — *Chrn. da Comp. de Jes. de Port. Cit. M.*

Por 1569 ou talvez nos primeiros mezes de 1570 começou a avassalar todo o Douro; e, a breve trecho, tomou as principaes cidades do Minho, dominando especialmente Vianna e Guimarães.

Em Braga tentou o contagio uma das maiores e mais vehementes arremettidas.

Entretanto os cuidados venceram-no.

A cidade tinha então como suprema auctoridade o Bispo Frei Bartholomeu dos Martyres, que andava entretido nos deveres pastoraes da diocese, mas quando o flagello irrompeu, conhecedor dos primeiros desastres, sahiu logo com a sua vontade e proficua actividade — em serviço da população bracarense.

Frei Luiz de Souza, traçando o perfil do prelado inclue nas suas *Memorias* a correspondencia que então se travou entre o Rei e Frei Bartholomeu dos Martyres. É digna de ler-se.

Vê-se d'esses documentos que o Monarcha imaginou obstar á missão evangelisadora do prelado, mas este não accedeu ás instancias do soberano, respondendo-lhe tão delicada como terminantemente, que o seu logar era em Braga, onde «os desemparos, desmayos e desconsoações» do povo afflicto impediam que se ausentasse, dando ao clero seu subordinado o exemplo d'uma fuga que, sobre ser importuna, era vergonhosa.

«E se me agora virem auzentar — dizia — temo
«que morrão de puro medo, alem do mau exemplo
«que com isto darei aos outros Bispos e Reytors.
«Porque não faltão Abbades que me escreuem e pro-
«metem que por meu exemplo inda que a *peste* venha
«a suas freguesias as não desempararão, antes espe-

«rarão a pé quedo e se deixarão morrer entre seus «fregueses» (1).

Frei Bartholomeu visitava diariamente os enfermos, procurava as informações dos medicos, inquiria dos recursos dos empestados e suppria com as sobras da mitra as necessidades dos doentes. Mandou vigiar as portas de Braga para que a *gente de fóra* não continuasse o *inficionamento*; e, no intuito de purificar o ambiente da cidade, aconselhou a remoção de todas as immundicies, prohibiu a entrada dos gados e ordenou que se accendessem grandes fogueiras em toda a circumscripção infecta (2).

O bispo nada temia, diz um escriptor contemporaneo, porque á sua alma desolada pelo ascetismo bastava a satisfação dos deveres cumpridos. Estes buscava-os para tranquillidade do espirito — em bem da Fé. Da sua pessoa nada se importava.

A nação seguia-o, porque no tormentoso perpassar das extranhas vicissitudes d'esta epocha pretendia salvar-se perante a historia e só no heroismo confiava.

Este salienta-se bem. Se confrontamos as medidas que então se tomaram com aquellas que posteriormente, em momentos correspondentes, foram adoptadas em alguns fócios epidemicos, relativamente importantes, distanciamo-nos das vergonhas de Marselha e dos terrores burlescos de Moscow. Houve a perfeita consciencia dos effeitos que o seguimento do mal po-

(1) Carta do Arcebispo Primaz a Sua Alteza Real, de 4 de Março de 1570. Fr. Luiz de Souza. *Obr. cit.*

(2) Vieira de Meirelles — *Loc. cit.*

deria trazer, mas esse facto não prescreveu evasivas torpes ou medidas ridiculas. Muito pelo contrario veio attestar que a nação se identificára com os seus males, que só á fatalidade foram devidos; e a medicina chamada a intervir — em momento tão decisivo — soube librar-se bem alto, de fórma a extinguir a molestia, á custa d'uma dedicação que tocou o fanatismo.

E, estes esforços não se assignalaram só na área bracarense. O exemplo do prelado tinha-se feito ouvir atravez das provincias e cidades do reino.

Em pouco tempo em cada povoação se levantára um hospital; a abnegação prelaticia levára toda a gente a esquecer que a molestia era contagiosa; e, a meio da epidemia póde dizer-se que ella empregára a todos, pois em Portugal, os que por este tempo, não eram empestados foram naturalmente enfermeiros.

E, de tal modo se empenharam na lucta, diz o chronista, que o flagello perdeu terreno, derivou n'um mal vulgar e declinou de vez a partir de 1571.

Da origem pouco se conhece.

Esta não ficou sufficientemente devassada, como póde vêr-se da divergencia dos escriptos. Imaginam uns que fosse proveniente do contagio de Sevilha, que então caminhava em Hespanha. Suppõem outros que viesse d'Italia trazido a Lisboa por embarcações, vindas de Veneza — onde pela mesma epocha reinava tambem a peste.

Ora a primeira fonte não nos parece bastante natural em vista dos escriptos que nos ficaram; sabe-se que o flagello que então grassou em Hespanha se circumscreeveu á cidade de que tomou o nome.

Resta a segunda causa: — é a mais provavel. Quando Portugal se viu a braços com a peste de 69

a Italia supportava uma epidemia congenere, que naturalmente lhe foi facil transmittir-nos — attentas as relações commerciaes que a peninsula e especialmente os dois paizes mantinham.

No anno de 1579 um novo flagello appareceu. Seguiu-se immediatamente ao desastre d'Alcacer-Kebir, que intervalla as duas epidemias, ligando os tristes successos d'esta epocha.

Portugal estava então pobre, e começava a considerar-se, com a perda de D. Sebastião, uma feitoria hespanhola.

O Cardeal jesuita não sabia nem podia manter a integridade da nação. Começou por abdicar de todo a sua vontade; planeou a entrega; e o povo, que nada podia esperar da regia impotencia do mais insignificante dos Monarchas, — «correu demente d'um a outro lado, abandonou as casas, deixou-se tomar do terror, lançou-se na corrente dos acontecimentos».

Ácerca de Lisboa diz Rebello da Silva :

«Os habitantes desamparavam as moradas; as portas cerravam-se umas após outras; e as estradas viam-se cobertas de infelizes que intentando salvar-se da morte proxima iam enconral-a mais longe, extenuados pela miseria e a fadiga»! (1)

Tal era o estado geral.

O guarda-mór de saude — Diogo Salema — ten-

(1) Luiz Augusto Rebello da Silva — *Hist. de Portug.* nos seculos xvii e xviii, vol. 1.º

tou atalhar o mal no começo; e no louvavel intuito mandou que se recolhessem os primeiros empestados a uma casa de saude, onde a iniciativa pessoal, lembrada «ás pessoas graves e caridosas», devia garantir a assistencia dos enfermos.

Mandou-se isolar os logares contaminados, e foram tomadas diversas medidas de preservação.

De pouco valeram porém estes esforços: a epidemia recrudescceu; passou aos arrabaldes de Lisboa; caminhou a Torres Vedras, Abrantes e Santarem; chegou a Beja, Monte-Mór, Extremoz e Villa Nova de Portimão; foi ao Algarve depois de ter passado o Alemtejo; percorreu afinal todo o paiz (1).

Como succedeu com as epidemias antecedentes, a origem do mal não foi averiguada. Alguns epidemiologistas tornam-no uma derivação da peste immediatamente anterior.

Nós inclinamo-nos, com melhor fundamento, a acreditar que partisse da Africa, talvez de Ceuta. Com esta praça mantinha Portugal grandes relações.

*

Em 1598 houve nova invasão. Começou no mez d'Outubro em Lisboa, e d'ahi se irradiou pelos pontos limitrophes, d'onde seguiu ás principaes cidades.

No percurso chegou a Coimbra, foi a Aveiro e entrou no Porto por Villa Nova de Gaya; no Minho al-

(1) Vieira de Meirelles — *Obr. cit.*

cançou Guimarães; em Traz-os-Montes seguiu Mirandella, e demorou-se por Villa Real.

A mesma ordem tomou na declinação que foi breve — o que lhe valeu o nome de *peste pequena*, porque ainda hoje é conhecida.

Foi relativamente pouco célebre, entretanto pôde dizer-se que foi estudada como nenhuma outra das antecedentes.

Suggeriu e orientou varias obras, d'entre as quaes geralmente se destaca um — *Tractado repartido en cinco partes principales*, — que o medico Ambrosio Nunez escreveu em Salamanca e imprimiu em Coimbra. N'este livro propoz-se o auctor «declarar a significação do nome peste com todas as suas causas, signaes prognosticos e indicações do mal, com a preservação e cura que em geral e em particular se deve fazer» (1).

Esta obra é relativamente rara (2) e revela certo valor historico. Trata-se alli de refundir tudo que foi escripto até ao momento da epidemia de 98, sobre prophylaxia e cura da molestia; além d'isso o auctor avança, com sciencia propria, os problemas da hospitalisação dos pestiferos e meios de tratamento com um notavel senso pratico e regular conhecimento do assumpto; usa uma terminologia pessoal muito curiosa;

(1) *Tractado repartido en cinco partes principales*,

Que declaran el mal que significa este nombre Peste con todas sus causas, y señales prognosticas, y indicatiuas del mal: con la preservacion, y cura que en general, y en particular se deve hazer. Coimbra 1601. Impresso na Vniuersidade. Com Licença da Sancta Inquisição.

(2) O exemplar de que nos servimos pertence á bibliotheca particular do Ex.^{mo} Snr. Dr. Martins de Carvalho — por quem obsequiosamente nos foi cedido.

e adopta tanto no descriptivo como na parte propriamente medica uma infallibilidade auctoritaria que mais lhe sobreleva o Estudo — pelo cunho individual que o auctor lhe soube dar.

De resto, ha a consignar imperfeições. A fatídica astrologia entra na origem proxima da molestia; e com ella vão as considerações habituaes da credence, que o tempo não conseguira despojar da epocha em que a obra foi escripta.

Ora, a origem da epidemia de 98 liga-se á peste que então avassallava a Hespanha e especialmente Flandres, a cujo logar o commercio portuguez fazia continuas visitas.

Quanto á duração, sabe-se que foi pequena. Parece que não ultrapassou mesmo o anno da sua entrada.

No Algarve appareceu em 1646, vehiculada por um navio que aportou a Tavira carregado de couros.

«Pegando na cidade — diz Frei Manoel de Monforte — consumio-a totalmente, matando-lhe cinco mil pessoas, e lavrando pelo termo não houve povoação, que não flagellasse».

Reinava el-rei D. João iv. Mandou immediatamente medicos estrangeiros para a região empestada; tomou as precauções necessarias para evitar que a epidemia ultrapassasse o primeiro fóco; e conseguiu ao

cabo de doze mezes soffrear-lhe o impeto e expulsal-a da provincia.

*

A segunda epidemia da circumscripção do Algarve suppõe-se uma reviviscencia da antecedente.

Começou em Faro por 1649, sem que no primeiro impeto fosse bem conhecida; depois fez-se o diagnostico e tomaram-se as reservas do costume; entretanto tinha alcançado Silves e Loulé, Lagos e outros pontos da provincia. Não houve meio de a soffrear no primeiro embate. Seguiu e cruzou em quasi todas as direcções o Algarve, terminando de vez em 1651.

No anno de 1650 suppoz-se que o contagio tinha acabado. Foram, porém, prematuras as manifestações de regosijo do povo algarvio.

Em Junho d'aquelle anno, a calamidade voltou — diz o jesuita Antonio Franco — conduzida por uma setia vinda de Castella, e favorecida pelas chuvas que, em concurso com a putrefacção d'uma baleia que o vendaval arrojára á praia, preparou o terreno (1).

Esta origem parece-nos inverosimil. A doença de 1650 foi naturalmente derivada do primeiro contagio algarvio. Entretanto deve lembrar-se que o espaço intervallado pelos annos de 46 e 50 foi para Hespanha uma epocha de continuas devastações epidemicas, talvez filiadas em Argel, de onde se diz que o flagello passou a Valencia n'uma carregação de pelles.

(1) Meirelles. M. de Epidem. loc. cit.

Ora d'este ponto ter-lhe-hia sido facil chegar a Portugal.

*

Por ultimo, cerra o cyclo moderno a epidemia que, no seculo xvii, abrange a data de 1680.

Apesar de relativamente proxima parece que faltaram a esta calamidade chronistas que nol-a transmittissem, com pormenores.

O *Alvará de Confirmação ao Regimento da Saude que fez o Senado da Camara, em tempo do Senhor Rei D. João iv*, foi o unico documento que nos ficou para o seu estudo. Este diploma embora seja de limitado valor noticioso, é muito importante, porque nos permite avaliar atravez das respectivas passagens o estado do paiz, e particularmente da medicina.

Começa por designar que se «alliciem Fysicos e Cirurgiões sellariados além dos ordinarios para tratar dos doentes»; determina que ao Provedor-Mór da Saude compete ordenar onde devem conservar-se os empestados; manda que só com licença do mesmo funcionario poderão aquelles tratar-se em casa; e, finalmente, ordena que «sendo as casas commodas para estarem fechadas, estarão assim sempre, e não sahirá pessoa para fóra, nem entrará ninguem dentro emquanto a casa estiver impedida, com a excepção do Fysico, Cirurgião e Sangradores para isso deputados» (1).

(1) O referido Alvará encontra-se transcripto na obra de Meirelles.

*

É ainda curiosa a informação do regimento sobre os cargos e formalidades prescriptas aos meirinhos da saude, ministros dos esquifes, coveiros e outros empregados da Provedoria.

Em relação á origem do flagello, póde afoutamente dizer-se que nada se conhece. Suppõem-se-lhe varias causas: attribuem-no geralmente á Hespanha; filia-se com certa probabilidade em Malaga; mas não ha certeza alguma n'estas affirmações.

O seculo xviii foi, como vimos na parte geral d'este estudo, de relativa amenidade para a Europa. Se bem que a peste ficasse reinando endemicamente no Velho-mundo, é certo que esta epocha não offerece á nossa contemplação momentos tormentosos.

Ao contrario, o Continente gosou d'um bem-estar a que não estava habituado. Em geral todos os Estados quedaram na expectativa feliz do regresso tranquillizador de tão calamitosa epidemia ás regiões do Levante.

Esta só mais tarde tinha que voltar a Portugal.

Entretanto, não se imagine que a tranquillidade que o seculo xviii trouxe ao paiz estiolasse, nas instancias de saude, a iniciativa das medidas preservativas contra o mal.

Quem procurar os livros da epocha vê, atravez da defeituosissima textura, o receio de que a doença volte. E, como consequencia d'este temor, é facil destacar uma ou outra monographia especial, dedicada a tão importantissimo assumpto.

O inventario a que procedemos dos livros de

então, deparou-nos um curiosissimo tratado — que, fornecendo dados sufficientissimos para a comprehensão do estado da medicina no século XVIII, mostra o cuidado especial que ao Monarcha João V mereceu a palpitante materia.

Esta monographia que o auctor titulou: — *Tra-
tado sobre os meios da preservação da peste* (1) é, a despeito das imperfeições, que são muitas, uma versão logica dos mais altos problemas da prophylaxia, que o auctor appreciou em conformidade com a epocha e de harmonia com as prescripções geralmente seguidas nos differentes paizes da Europa.

Dos preceitos coordenados, ha principalmente a destacar os que respeitam a desinfecção dos logares empestados e muito especialmente das casas dos doentes (2).

Estes poderiam contar além de tudo com medidas curativas de relativo adiantamento.

Entretanto, a obra é principalmente um trabalho de preservação, e é n'este campo que pôde vêr-se o lattissimo alcance do compilador.

(1) Impress. em Lisboa, M.DCCXLVIII.

(2) Pedro Villéla, o coordenador da obra, põe todo o cuidado ao serviço d'este problema que considera capital.

Rebuscou a bibliographia estrangeira e recortou de Mons. Manget, medico da Camara d'El-Rei da Prussia, a receita que segue e diz ser de comprovado uso quando bem manipulada, e cuidadosamente posta em pratica.

Quando alguma casa, explica, tenha sido inficionada, por pessoas apéstadas, deve com todo o cuidado perfumar-se, com a mistura combustionada das seguintes drogas :

Enxofre	Arrat	6
Pez	»	6
Antimonio	»	4

A sua principal preocupação são as cautelas a prescrever ás fronteiras terrestres; e as restricções a impôr aos portos de mar,—no respeitante ás fazendas de proveniencia extranha. O auctor deu ao livro o cunho indiscutivel d'uma preceituação tão característica que hoje, volvidos muitos annos, lêmos n'elle a prophylaxia internacional do seculo a que remonta.

Pelo que respeita ao regimen interno é igualmente curioso: — oppõe-se aos ajuntamentos, manda sanear as praças, lavar as ruas, fechar as egrejas e regulamentar a entrada dos tribunaes.

De resto, o seu valor é principalmente historico: quanto a preceitos e medidas scientificas a orientação que dominou Villela não permittiu que se expurgassem da obra as velharias que a antecederam. É um facto para lamentar.

Suppõe ainda a peste um castigo de Deus; aconselha preces, e determina procissões.

N'esta parte póde considerar-se uma reimpressão incongruente da mais recuada supersticiosidade.

Ouropimenta	Arrat.	4
Arsenico	»	1
Cinabrio	»	3
Sal ammoniaco	»	3
Lithargyrio	»	4
Assaetida	»	3
Cominhos	»	4
Euphorbio	»	4
Pimenta	»	4
Gingibre	»	4
Farellos	»	50

Cap. xx — Do perfume preciso para purificar as casas, onde houve apéstados.

III

Finalmente, em nossos dias, uma nova invasão do mal exótico estava reservada a Portugal. Este foi por ventura para o paiz dos mais importantes; e, hoje, que um certo espaço de tempo decorreu sobre os acontecimentos, mais se assignala a respectiva circumstancialidade, — cuja historia nos pertence traçar nas paginas que vão seguir-se, fiel e serenamente talhadas sobre os documentos que nos ficaram dispersos.

A calamidade do Levante, que a partir do seculo xviii nos deixou — appareceu inesperadamente no passado anno de 1899 — justamente no momento em que a Nação, envolvida em graves problemas administrativos, mais curava de restabelecer o equilibrio economico, pelo fomento das iniciativas individuaes, — no sentido da abertura das praças estrangeiras aos nossos productos em descredito.

Ainda mal se tinha provido as necessidades resultantes de tão importantissimo problema quando surgiu no Porto a *peste*, e com ella a miseria e o panico que a costumam acompanhar.

Os primeiros rebates foram conhecidos pelas communicações do prof. Ricardo Jorge que com toda a solicitude levantou a suspeita dos primeiros casos, e subseqüentemente confirmou a doença — affrontando no seu posto d'honra, com a serenidade d'um profissional illustrado e consciencioso, a responsabilidade do diagnostico.

Este pertence-lhe inteiramente.

As primeiras pesquisas fel-as o director do Ser-

viço da Hygiene Municipal — nos becos que margi-
nam o Douro, na área especialmente designada pelo
nome de Fonte Taurina.

Havia certo tempo que o Director Municipal
percebera que n'aquelle ponto se davam mortes cur-
tamente intervalladas, e o desejo d'uma elucidação de-
finitiva suggeriu-lhe a visita a tal logar. Esta deu-se a
6 de Julho; no dia 7 foi participado ao Conselho Mu-
nicipal que uma epidemia grave grassava na Fonte
Taurina; e, a partir das primeiras suspeitas que se le-
vantaram com o adoecimento do hespanhol Gregorio
Blanco, foram tomadas medidas de desinfecção, isola-
mento e hospitalização proprias — no sentido de de-
bellar o mal, ou de o localizar pelo menos.

Então houve na cidade um certo rumor. As des-
confianças produziram inquietação, e a Imprensa allu-
diu surdamente ás suspeitas.

Estas no dia 8 do mesmo mez foram confirmadas
no laboratorio; e a 9 já o Presidente do Conselho (1)
recebia a communicação official da doença — partici-
pação esta que o prof. Ricardo Jorge repetiu a 12 em
officio circumstanciado.

Tudo isto só sortiu effeito a 28.

O tempo que intervalla estes dias foram para o
Director de Saude uma epocha em que trabalhou
só: — «vi-me na necessidade, diz, de ser a um tempo
clinico epidemiologista, hygienista e bacteriologis-
ta» (2).

Taes foram os primeiros passos da molestia.

(1) Conselheiro José Luciano de Castro.

(2) *La Peste Bubonique de Porto*, 1899 — Ricardo Jorge, pro-
fesseur de Hygiène et Directeur du Service Municipal d'Hygiène.

*

A partir d'estes casos houve no Porto maior agitação. Suppunha-se ou fingia suppôr-se que a epidemia que começava a grassar não era a peste; e o commercio da cidade, com uma parte da imprensa periodica, empenhavam-se n'um fito commum: evitar o isolamento.

Entretanto a molestia tinha progredido e começára a avançar.

Sahira, a breve trecho, do primeiro fóco e alastrara-se célere pelos logares mais proximos — em geral pelas vielas e becós da Ribeira. Sabe-se que ganhou rapidamente a rua dos Mercadores, de Cima do Muro e S. João; que seguiu ás escadas das Verdades, do Codeçal e dos Guindaes; ás ruas do Infante D. Henrique, Bellomonte e Miragaya; e que d'estes pontos irradiou para o centro. É curioso vêr como apparece em pontos extremos da cidade, e simultaneamente revive nos locaes primeiro occupados e em casas perfeitamente oppostas. Os Clerigos, Caldeireiros e Anjo são com pequenos intervallos infestados; averiguam-se varios casos na Praça de D. Pedro, e a praga prosegue nas immedições de Santo Antonio (Escadas do Principe).

Depois caminha a S. Lazaro. Apparece no Bomfim, Montebello e S. Jeronymo; vae para Santa Catharina e Bomjardim; afinal invade irregularmente pontos distantes da cidade, indo até aos arrabaldes do Porto e affirmando-se successivamente em Ramalde, Campanhã e logares do Outeiro, Baixinho e do Castro (1).

(1) *Bolet. cit.*

*

De nada valera o *cordão*. Esta velharia que a Junta Consultiva de Saude Publica impoz á cidade do Porto, sobre ser contraproducente, deve considerar-se vergonhosa. Mereceu a reprovação unanime da imprensa medica; a censura tacita da commissão delegada do governo, que bem justamente propoz a substituição das medidas decretadas; e, além de tudo levantou no Porto o protesto do Commercio que derivando á violencia, tentou vivamente desaffrontar-se.

Isto, sobretudo, podia ter sido grave.

Não o foi. O decreto de 23 d'Agosto de 1899 creou o *cordão de resguardo*. Mas logo, pelo mesmo tempo, o gabinete do snr. Conselheiro Luciano de Castro nomeou a *Commissão mixta* dos medicos portuguezes. Estes vieram ao Porto estudar a molestia; e, de harmonia com as circumstancias de momento, propozeram immediatas reformas (1).

Das conclusões do relatorio que elaboraram pôde vêr-se o acerto com que desempenharam a sua missão.

(1) Conforme se vê dos considerandos do diploma que organizou a commissão, o seu fim era fazer dissipar as duvidas que havia no Porto sobre o diagnostico da epidemia. Deviam, além d'isso, os delegados do governo inquirir das condições sanitarias da cidade, emittir parecer sobre as medidas tomadas e propor as que lhes parecessem mais conformes com as necessidades da occasião.

A commissão ficou definitivamente composta dos seguintes delegados: Professor Dr. Daniel de Mattos, da Universidade de Coimbra; Conselheiro José Joaquim da Silva Amado, Alfredo Costa e Camara Pestana, de Lisboa; Virgilio Poiares, do Ultramar.

Estes enviados depozeram o mandato nos meados de Setembro. A commissão que compunham foi louvada e dissolvida a 20 do mesmo mez.

Pouco depois partia para o norte o snr. Homem de Vasconcellos encarregado de vêr dos serviços hygienicos da cidade, no sentido de novas indicações para as reformas que deviam publicar-se n'um praso breve.

Estes esforços alliados á campanha da Imprensa e sociedades medicas não podiam deixar de se fazer sentir nas instancias superiores, que, na impossibilidade de manter as primeiras medidas, curaram da sua modificação.

Isto deu-se lenta e gradualmente. O aviso de 4 de Setembro, circumstanciando as mercadorias que não podiam transitar livremente pelo Porto, descia a uma enumeração sobremaneira exaggerada, que, em seu rigor medieval, estava longe das medidas votadas em Veneza.

Porém, a 20 de Setembro, já se nota, com uma nova decisão, uma transigencia — na parte relativa áquella materia.

A 10 de Outubro — talvez no momento em que a doença ganhava maior terreno — publicava o *Diario do Governo* um novo diploma no qual se permitia, embora sem assentimento da Junta, que os doentes fossem isolados em suas casas, levantando-se a hospitalização obrigatoria.

Finalmente, em principios de Novembro, ordenou-se a substituição do *cordão* por postos de revisão, em geral patrulhados; e, adoptaram-se outras medidas que deviam — no começo — ter orientado o debellamento da molestia, — de harmonia com as prescripções scientificas do Congresso Internacional de Veneza, as necessidades commerciaes do Porto e as conclusões auctorizadas das sociedades medicas, e missões portuguezas e estrangeiras n'aquella cidade.

*

Muitas foram as visitas medicas que por esta occasião se fizeram ao Laboratorio d'Hygiene e Hospital do Bomfim (1).

Os commissionados extranhos partiram dos diversos paizes a estudar a molestia quasi logo no seu começo. Vieram animados pelo desejo de dilatar as observações colhidas em outros fócios, e especialmente sabiram no sentido de coordenar os ensinamentos precisos a uma tenaz opposição, no caso das respectivas nacionalidades serem invadidas.

Das missões scientificas vindas a Portugal, especialmente ha a destacar os delegados do Instituto Pasteur de Paris (Dr. Calmette e Salimbeni); os delegados d'Hispanha (Mendoza, Montaldo, Cortezo e Ferran); os commisionados allemães (Rumpel, Reich, Kossel, Frosch e Vogel); dos Estados-Unidos (Fairfax-Irwin); d'Italia (Ivo Brandi e Stagnitta Balistreri); os medicos de Christiania (P. Aaser, Magnus Geirswold) e o delegado russo (Wladimir-Hoeppener) (2).

Os estudos então emprehendidos constam dos

(1) Em Outubro (1899) tivemos tambem occasião de visitar aquelles estabelecimentos e a honra de ser ahí recebido pelos respectivos directores: — os Snrs. Ricardo Jorge e Guilherme Nogueira.

Àquelle devemos o subido favor de varias culturas do bacillo da peste (casos do Porto e um de Djeddah) — que hoje se encontram no Laboratorio de microbiologia da Universidade.

O clinico-director do Hospital do Bomfim patenteou-nos amavelmente as enfermarias dos pestiferos, facultando-nos observações proveitosas e permitindo-nos a exploração de varios doentes, e a assistencia de algumas autopsias.

Aproveitamos este ensejo para tornar publico o nosso reconhecimento áquelles dois illustrados clinicos.

(2) Vid *Coimb. Med.* (1899) e *Med. Contemp.* (1899).

competentes relatorios dos quaes resulta uma versatilidade proveitosa, assente n'uma profusa casuistica.

Estes trabalhos incidiram sobre a origem e marcha da doença, medidas de prophylaxia, tentativas de sorotherapia curativa e uso preventivo dos sôros e vaccinas.

Os meios de preservação e cura pelas injeções sorotherapeuticas foram o primeiro cuidado das missões. O governo portuguez mandou então como seus enviados o fallecido professor Camara Pestana e medico Sarmiento que, juntamente com o profes. Ricardo Jorge e clinicos estrangeiros, deviam, em face da ministração dos sôros e pratica vaccinica nos doentes recolhidos ao hospital do Bomfim, reduzir a escripto, em documento official, os resultados obtidos.

Estes foram os mais animadores pelo que respeita a injeção Yersin como meio preservativo.

Na cura da epidemia a efficacia do sôro não ficou bem determinada, se bem que o relatorio aconselhe o seu uso em todos os casos.

Além d'estas conclusões geraes exprime-se ainda a fórma de subministrar a injeção; dá-se em summa-rio as experiencias realizadas nos ratos e nos macacos; prescreve-se o quantitativo de substancia a inocular nos doentes, etc., etc.

Relativamente ao methodo Ferran-Haffkine accordou-se em que seria perigosa a sua utilização exclusiva no recrudescimento da molestia, pois a cultura vaccinica activa poderia recahir em individuos que tivessem já a doença em encubação; reconheceu-se que a immunização produzida por ella, quando deva usar-se, alcança sobre o sôro Yersin a vantagem de conservar uma preservação mais duradoura; e, dada esta vanta-

gem, póde e deve condicionalmente ser applicada em concurso com o sôro — para o que este se injectará primeiro, anticipando a vaccina 48 horas (1).

*

No respeitante aos meios de defeza geral coisa alguma ha a registar que deva considerar-se uma originalidade.

Parece que tudo accordou na demolição dos bairros immundos da cidade, desinfeccão das casas; limpeza das ruas; e prescripções de isolamento.

É para notar que a commissão internacional não fosse encarregada officialmente pelo Governo para tratar d'estes e outros assumptos especialmente, á semelhança do que se fez na applicação dos sôros.

Podiam ao menos ter-se aproveitado as conclusões tiradas; e, sem prejuizo dos trabalhos particulares de cada delegado, possuiriamos hoje um preciosissimo archivo que podia ter mesmo orientado o Governo, na determinação das medidas sanitarias do momento.

Tal se não fez.

Este concurso de serviço não seria para extranhar, de mais que a mutualidade de interesses o pedia, e o socego geral o animava.

*

Em relação á intensidade da molestia muito se

(1) Vej. Relat. da Com. dos Sôros.

escreveu na occasião (1). Aquella, desde que a 28 de Setembro ultrapassou o *cordão*, communicou a todo o paiz o pavor d'uma conflagração maior; e então a expectativa, successivamente nublada, deixou antever maiores calamidades.

Estas mais se accentuaram com o desastre de Camara-Pestana, que a 21 de Setembro sentiu os primeiros effeitos do mal, aliaz facilmente attenuados pelos soccorros immediatos.

A 11 d'Outubro voltou ao norte na tenção formal de alargar os seus conhecimentos. Parece que procurava o ensejo de pesquisar anatomo-pathologicamente as lesões produzidas nos pestiferos.

É n'esta missão que o vemos empenhado quando, mortalmente inficionado por uma inoculação accidentalmente feita no decorrer de uma autopsia, a realisa até final com a assistencia de alguns collegas. Foi a 6 de Novembro.

Nos dias 7 e 8 ainda trabalhou, catalogando casos e colligindo apontamentos.

A 9 regressou a Lisboa e n'esse mesmo dia communicou a um amigo intimo a suspeita da molestia. Ainda ordenou e distribuiu trabalhos, mas com a tarde chegou a plena certeza da doença, que após um curto prazo de cruciantissimo padecimento tinha de victima-lo.

A 15 do mez de Novembro morreu Luiz da Camara-Pestana, e com elle uma das promessas mais brillantemente esperançosas da Bacteriologia Portuguesa.

(1) Vej. Coimb. Med; Med. Contemp; Gazeta Med. do Porto; e Medic. Modern. ann. 1899-900.

A morte do illustre homem de sciencia agitou o paiz — que, ao mesmo tempo que chorara uma perda irreparavel, sentia a infecção que ia alastrar-se na capital para talvez d'ahi se irradiar pelo paiz.

Não aconteceu a terrorista previsão. O caso Camara-Pestana foi o unico succedido em Lisboa. A peste seleccionara caprichosamente o sabião analysta que, victima da sua abnegação, devia incorporar-se ao lado d'outros collegas egualmente mortos no exercicio nobre da mais ardua das profissões (1).

*

A partir de Novembro a molestia começou a declinar; em Dezembro este decrescimento mais se accentuou; em principios de Janeiro (1900) os casos raram e a 16 recebia o hospital do Bomfim o ultimo doente, completando n'essa data o numero de 195 pestíferos (2).

Além da área do Porto não ha casos de peste a considerar com excepção dos referidos. Houve suspei-

(1) A peste tem victimado no periodo contemporaneo um numero relativamente crescido de medicos.

É justo que n'esta altura do nosso trabalho lembremos os seus nomes, prestando-lhes, com esta recordação, a homenagem que merecem.

São elles:—Ishigami ferido em Hong-Kong, em 1898; Manser em Bombaim, no anno anterior; Müller em Vienne, em 1898 e Evans em Calicutta em 1899.

Além d'estes outros houve que igualmente foram infectados mas sem consequencias fataes. Citaremos:—Aoyama em Hong-Kong, durante o flagello de 94; Hankin e Sticker em Bombaim, em 97; Carlos França e Balbino Rego no Porto, durante a epidemia de 99.

(2) Clinica de Peste no Porto — *Os ultimos doentes do Bomfim*, por Ferreira de Castro.

tas em Guimarães, Penafiel e Coimbra (1). Mas os estudos de averiguação elaborados á data das delações officiaes das localidades, mostram que todos os receios eram infundados, visto tratar-se de outras molestias.

Em Coimbra deu-se um caso de febre infecciosa, com caracteres approximados da peste pneumonica. Mas as investigações a que procedemos — no Laboratorio Microbiologico da Universidade — attestaram-nos molestia diversa, produzida por um *bacillo florescente novo* (2).

Nas duas outras cidades parece ter havido doencas communs, em pessoas que tentaram, pela evasiva, afastar-se da hospitalisação obrigatoria.

*

No parlamento tambem foi discutida a epidemia.

Tudo, entretanto, correu ahi sem incidente de maior: — o apuramento das responsabilidades foi a menor preocupação da legislatura de 1900. A usurpação de poderes que tinha tido logar em 99, em nada difficultou o andamento normal do governo, porque parte das medidas decretadas já tinham sido esquecidas, e parte das que perduravam haviam de ser sustentadas pelas maiorias partidarias.

(1) N'esta ultima cidade a superintendencia dos serviços de saude foi confiada, por determinação do Poder executivo, ao eminente operador Dr. Sousa Refoios.

Os trabalhos foram começados e tudo foi convenientemente organizado para, no caso possivel d'uma invasão, a epidemia ser debellada de prompto.

(2) *Comptes Rendus de la Société de Biologie*, n.º 16. (1900).

Comtudo, era necessario levar a questão ao Parlamento, garantir officialmente o que estáva feito, chancellar com o *bill* os diplomas elaborados sob a responsabilidade ministerial.

Appareceu a proposta do costume; veio com ella um judicioso relatorio; e n'uma e n'outro as explicações do Gabinete.

Examinemos serena e desassombradamente estes documentos.

Como pôde vêr-se do parecer que antecede a proposta de lei, a primeira desculpa do Governo foi a gravidade do momento. Veremos, mais tarde, se esta circumstancia pôdia absolver a dictadura.

Secundariamente apparece a declinação de responsabilidades. E é esta que importa agora ponderar, de harmonia com o depoimento official.

Vejamos. O que logo resalta da leitura do relatorio é que, na impressão do primeiro alarme, a Junta Consultiva de Saude repudiou a ideia dos postos de revisão. Fez sentir ao ministro do reino a necessidade de collocar um *cordão sanitario* em volta do Porto e a despeito de tudo, interrompeu «as relações livres e incondicionaes d'aquella cidade com o resto do paiz».

Mais tarde, esta ideia dominou, prevaleceu e successivamente foi admittida e abandonada no seio da corporação, até que finalmente veio collocar o Ministro, na critica conjunctura d'uma situação indefinida.

Isto succedeu quando após a viva discussão de 19 d'Agosto (99), sobre a reforma das medidas sanitarias, a votação da Junta foi empatada.

Foi então que o Snr. Luciano de Castro reconheceu que não podia contar com a Junta, visto que ella era uma corporação, sem vontade, «que não se pronun-

ciava», — uma Instancia inutil que nem propunha nem resolvia.

A solução da conjunctura ficará — diziam os seus membros — *á alta competencia do governo que adoptára o alvitre que melhor tenha!*

Em face d'isto o que cumpria ao Conselho? Procurar um criterio seguro e sensato, para as reformas subseqüentes, nos estudos já feitos dos medicos portuguezes e estrangeiros das commissões; consultar as sociedades scientificas de medicina e cirurgia, onde podia contar com a discreta opinião de individualidades competentissimas; attender ás representações, por vezes justas do Commercio. Assim se fez em parte.

Vimos já como as respectivas medidas evolucionaram.

Relativamente, porém, ao que se passou no Parlamento ha ainda algumas curiosidades a notar.

A Camara dos deputados revelou a chegada da noticia do mal, ás secretarias do ministerio; explicou o desprezo da Conferencia de Veneza — pela não ratificação no Parlamento das resoluções lá tomadas; e trouxe a lume a historia do *cordão*, cuja referencia mereceu do bom humour d'um deputado algumas flechadas justas.

Na camara dos pares entra no assumpto o prof. Oliveira Monteiro. Mas satisfaz-se com simples emendas ao projecto de lei que por esse tempo o governo promulga. Ahí não houve discussão (1).

Com a dictadura a Camara dos Deputados agitou-se mais: houve certo enthusiasmo.

Para nós, entretanto, a reproducção do que lá

(1) *Med. Cont.*, an. 1900.

se passou importa pouco. Conhecidos os expedientes do *systema*, sabia-se antecipadamente que as medidas tomadas haviam de ter o *bill*; que o projecto do governo teria a aprovação do Parlamento; e que as interpeleções opposicionistas nunca poderiam ir além da impugnação do costume—tudo muito harmonico com as alternativas partidarias, e sem prejuizo da *rotação constitucional*.

O que importa vêr, longe da esphera official, é se a exorbitancia governativa poude justificar-se pela situação especial do momento, ou se, pelo contrario, o acto do governo representa a reedição abusiva das falsas dictaduras.

Estas devem sempre ter um motivo e chegou a occasião de o ponderar.

Em face do que houve podiam as camaras relevar os actos do Governo? Póde o gabinete assumir o poder de legislar, em face da Carta, quando uma epidemia grave assóla o paiz?

Parece-nos que sim.

Tem sido grande a confusão dos poderes; successivos governos animados, pela rotina; e, confiados no *systema*, têm prevaricado n'esta parte:— a lei fundamental da nação tem sido a cada passo claudicada, sobre falsos pretextos.

Mas ao tempo da *peste portuense* nada d'isso se deu. O estadista que referendou os diplomas de 99 fel-o em conformidade com a letra e espirito da Carta Constitucional.

O artigo 145.º d'esta lei, ao estabelecer nos differentes paragraphos a inviolabilidade dos direitos civis e politicos, garantiu com a distribuição dos poderes a liberdade dos cidadãos.

Fel-o d'uma maneira clara, precisa e expressa. Mas deixou excepções e estabeleceu preceitos especiaes para casos tambem diversos.

N'estes tem cabimento a usurpação de poderes; póde legitimar-se a dictadura.

São excepções prescriptas na Carta: — os casos de *rebellião ou invasão d'inimigos e os perigos imminentes* da Nação Portugueza. (Artigo 145.º, § 34.º, Carta Constitucional) (1).

Ora, n'estas ultimas circumstancias estava Portu-

(1) Se bem que esta questão envolva um problema essencialmente juridico, permittimo-nos versal-a em attenção ao character historico do capitulo em que a inserimos.

Pareceu-nos igualmente opportuno reproduzir as disposições da Carta Constitucional, como elucidação do texto:

Artigo 145.º A inviolabilidade dos direitos civis e politicos dos Cidadãos Portuguezes, que tem por base a liberdade, a segurança individual, e a propriedade, é garantida pela Constituição do Reino, pela maneira seguinte:

-
 (Dão-se immediatamente em lista enumerativa as garantias).
 § 33.º Os Poderes constitucionaes não podem suspender a Constituição, no que diz respeito aos Direitos individuaes, salvo nos casos, e circumstancias *especificadas* no § seguinte;
 § 34.º Nos casos de rebellião, ou invasão de inimigos, pedindo a segurança do Estado, que se dispensem por tempo determinado algumas das formalidades, que garantem a liberdade individual, poder-se-ha fazer por acto especial do Poder Legislativo. Não se achando porém a esse tempo reunidas as Côrtes, e correndo a Patria *perigo imminente*, poderá o Governo exercer esta mesma providencia, como medida provisoria, e indispensavel, suspendendo-a, immediatamente cesse a necessidade urgente, que a motivou; devendo, n'um e outro caso, remetter ás Côrtes, logo que reunidas forem, uma relação motivada das prisões, e *de outras medidas de prevenção* tomadas; e quaesquer Auctoridades, que tiverem mandado proceder a ellas, serão responsaveis pelos abusos, que tiverem praticado a esse respeito.

gal em 99, é força confessal-o, quando o Governo do Snr. Luciano de Castro entendeu dever publicar, em dictadura as medidas de sanidade.

Diante da suspeita de que a peste grassava no Porto, agitaram-se os consulados, interpellando officialmente o Gabinete. O paiz correu o risco de vêr fechados os portos extranhos se não tomasse uma resolução; com a cerração d'estes deter-se-hia o commercio; e Portugal ver-se-hia a braços com uma extraordinaria crise.

As Côrtes estavam fechadas. O dever do governo era intervir: — interveio dictatorialmente.

*

*

*

Tal foi, nos seus tramites geraes, o desenrolar dos acontecimentos na epidemia portuense.

Ao complemento da sua noticia resta unicamente a devassa da relativa origem e meios de entrada.

Foi a materia que resolvemos inserir em ultimo lugar.

A despeito dos estudos a que se procedeu ao tempo da investida, dos interrogatorios a que se submeteram os primeiros doentes conhecidos, e das hypotheses, posteriormente formuladas — não é facil assentar na resolução d'este problema que transparece sobremaneira confuso d'entre os relatorios, exames e escriptos que a imprensa tornou publicos na occasião.

Escrevemos sobre as impressões do momento; e, diante de nós, desdobram-se muitos trabalhos, portu-

guezes e estrangeiros. Mas nem uns nem outros asseguram uma opinião definitiva; e, pelo contrario, todos se inclinam a probabilidades mais ou menos hesitantes.

D'entre os estudos estrangeiros destacaremos as pesquisas dos professores allemães (Kossel e Frosch), e o relatorio francez Calmette-Salimbeni.

Vejamos as respectivas opiniões.

Os primeiros começam por afastar a hypothese de que a peste tenha sido trazida a Portugal pelo bispo D. Antonio Barroso. Quando a molestia entrou no Porto — explicam — nem o prelado nem a sua mobilia tinham penetrado o Paço Episcopal.

Teria sido a importação feita pelos vapores empregados no commercio, especialmente pelas embarcações vindas da India e do Egypto?

Escreveram a este respeito: — «Como realmente se dá uma grande importação de chá, arroz, pelles da India, milho e cereaes do Egypto e Russia, era natural que logo occorresse que tinha sido este o caminho que a peste havia seguido».

.....
«Apesar, porém, d'esta opinião ser dada com tanta certeza — continuam — é certo que nunca ella pode ser provada. As indagações feitas são contrarias a essa opinião.

Pela nota das entradas dos vapores que podemos obter por intermedio do consul allemão, o vapor *Cyly of Cork* (1) sahiu em 13 de Maio de Londres, e só tornou a entrar no Porto, vindo de Newport, com carre-

(1) Que se dizia ter sido o vehiculo da peste.

gamento de carvão em 5 de Junho, data em que se deu o primeiro caso de peste».

«Ha ainda a notar que nos dez dias anteriores ao primeiro caso não se fez descarga alguma de cereaes. Além d'isso está averiguado que o Porto não tem communição maritima directa com a India e Egypto. Sabe-se bem que os vapores com carregamentos de cereaes vindos dos portos russos do Mar Negro não tocam no Egypto, seguindo sempre toda esta carga, vinda de portos Europeus, e especialmente todas as outras mercadorias da India, para Londres e outros portos inglezes. *Todos os vapores e navios entrados no Porto só recebem carga d'estes portos*» (1).

Ora esta transcripção não só exclue, por completo, a hypothese de que a infecção se tenha dado pelo *Cyty of Cork*, mas ainda que tenha sido produzida por outros navios que em lista taxativa o relatorio enumera; diz-se que do interrogatorio feito aos primeiros empestados conhecidos, resulta a certeza de que elles não tinham feito descarga alguma nas duas semanas que precederam a doença.

Entretanto, a despeito de tão precisas affirmações, o trabalho conclue:

«Temos de nos contentar com a opinião geral sobre a importação da peste; e a mais verosimil é que a peste foi importada por alguns dos vapores empregados no movimento commercial do Porto» (2).

— Como se vê, os textos reproduzidos não são bastantemente nitidos. Mas ha meio de sanar appa-

(1) O italico é nosso.

(2) Servimo-nos da traducção do Snr. Guilherme Nogueira, inserta na *Gazeta Med. do Porto* de 1901.

rentes contradicções, explicando a importação da molestia: é devassar o espirito do relatorio.

Os seus auctores conceberam uma infecção primeira de que dizem ter resultado os primeiros casos.

As manifestações de Junho são, em sua opinião, consequentes.

Isto mesmo se harmoniza com as suspeitas de Maio que, n'aquelle mez, foram elucidadas pelo Director Municipal.

Na mesma corrente está a explicação auctorizada dos bacteriologistas francezes:— Calmette e Salimbeni.

As averiguações a que procederam condizem, em parte, com a hypothese formulada por Kossel e Frosch, na versão d'esta origem.

Notaram, da mesma fórma, que o primeiro pestoso não tinha sido empregado na descarga de mercadorias suspeitas, vindas dos focos do Levante; e, pelo contrario se occupará em armazenar mercadorias provenientes de Nova-York.

Relativamente ao *Cyty of Cork* ponderaram, como os relatores allemães, que este vapor não provinha de Bombaim ou Calcuttá, como a principio se affirmava, mas, ao contrario, trouxera carreira directa de portos europeus, conduzindo em vez de fazendas suspeitas uma carga de carvão.

De resto, consignam-se as mesmas duvidas, o que não admira, visto prevalecerem as mesmas causas.

Dos relatorios e estudos portuguezes tambem não ha a tirar nitidas conclusões.

— O primeiro trabalho do Snr. Ricardo Jorge, aliás urdido com desvelado cuidado, é especialmente um estudo de clinica e analyse, onde se registou a casuística que ia succedendo.

O prof. evitou propositadamente as tergiversações historicas, e d'ahi o ser nimiamente breve na origem da epidemia.

Ulteriormente, dada a permanencia das omissões etiologicas do contagio, parece ter preferido a approvação tacita das opiniões mais seguidas.

— Logo no principio um clinico de Ponte do Lima aventou a hypothese possivel d'uma *pestis nostras*.

O saudoso prof. Dr. Augusto Rocha traçou as primeiras considerações sobre que havia de assentar esta ideia, e preparou, por ventura, o campo para a sua admissibilidade. Esta, de harmonia com o tradicionalismo epidemiologico do paiz, calou n'alguns espiritos, quando a doença se suppoz uma fórma attenuada do mal (1).

— O professor Bombarda deixa perceber, sobre a noticia do medico Carlos Vaz, a opinião de que a peste do Levante tenha vindo para o Porto importada de Lourenço Marques. Aquelle collega, ao notar o descuramento do governo da metropole, diz que a peste grassou n'aquelle ponto desde 28 de Novembro de 1898, e todavia o diagnostico official só teve logar em Janeiro de 1899.

A doença, primeiramente referida pelo Snr. Car-

(1) *Coimb. Med.* 1899.